

Departamento de História

**Património orizícola e turismo na Herdade da Comporta**

Rafael Alexandre Carvalho Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Empreendedorismo e Estudos da Cultura

Orientador:  
Doutor Frédéric Vidal, Professor Auxiliar Convidado

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho foi sem dúvida o mais desafiante que já realizei, porém, não estive sozinho nesta caminhada. Aproveito este espaço para agradecer a todos que me acompanharam e contribuíram para realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, em especial à minha mãe por estar sempre ao meu lado nos momentos mais complicados e de nunca me deixar desistir quando as situações pioravam. Ao meu pai, que também me acompanhou sempre durante este percurso. Aos meus avós, que foram um pilar importante nestes últimos cinco anos.

Deixo um agradecimento em especial ao Professor Frédéric Vidal por ter aceite o meu convite para a orientação deste trabalho, pela paciência que teve e por todos os conselhos dados.

Quero também agradecer à Doutora Joana Espírito Santo por se mostrar sempre disponível e disposta a ajudar-me no que necessitava.

Um agradecimento a Jorge Casaleiro, por fazer uma visita guiada ao Museu do Arroz e por ceder uma entrevista para este trabalho.

Obrigado a todos.

## **RESUMO**

O património cultural é um elemento essencial na valorização turística, sendo que o património cultural reflete a identidade de um local. Desde da segunda metade da década 2010, o turismo na Herdade da Comporta tem vindo a ganhar uma maior importância e, juntamente com a atividade agrícola, a tornar-se nas principais atividades económicas da herdade. Até ao segundo quartel do século XX, a Herdade da Comporta não tinha sido valorizado economicamente, sendo que a essa situação alterou-se a partir de 1925, quando foi implementada a cultura do arroz na Comporta. A partir desse momento, a orizicultura tornou-se na principal fonte da economia local, permitindo ainda desenvolver a região a nível social. O património construído aquando da implementação da orizicultura na Herdade da Comporta é atualmente um dos elementos principais no turismo da região.

Esta dissertação toma como objeto de análise a atividade orizícola ao longo do século XX e a atividade turística desde do início do século XXI. O objetivo é definir a evolução da Herdade da Comporta, desde da atividade agrícola até ao turismo da região, procurando salientar os momentos e os fatores importantes nessa evolução. Pretende-se ainda com esta dissertação mostrar a importância atribuída à orizicultura, que consequências surgiram com a sua implementação na região, e como se tornou num elemento identitário na Herdade da Comporta.

**Palavras-Chave:** património, identidade cultural, arroz, turismo, Herdade da Comporta

## **ABSTRACT**

The cultural heritage is an essential element in the tourist valorization, and the cultural heritage reflects the identity of a place. Since the second half of the decade 2010, tourism in the Herdade da Comporta has become more important and, together with agricultural activity, become the main economic activities of the estate. Until the second quarter of the twentieth century, Herdade da Comporta had not been valued economically, and this situation changed since 1925, when the rice crop was implemented in Comporta. From that moment on, rice cultivation became the main source of the local economy, allowing the region to develop socially. The heritage built during the implementation of the orizicultura in Herdade da Comporta is currently one of the main elements in tourism in the region.

This dissertation takes as object of analysis the rice activity throughout the 20th century and the tourist activity since the beginning of the 21st century. The objective is to define the evolution of Herdade da Comporta, from the agricultural activity to tourism in the region, trying to highlight the moments and important factors in this evolution. It is also intended with this dissertation to show the importance attributed to rice cultivation, what consequences arose with its implementation in the region, and how it became an identity element in Herdade da Comporta.

**Keywords:** heritage, cultural identity, rice, tourism, Herdade da Comporta

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Índice de Quadros.....	vi
Índice de Figuras.....	vii
Glossário de Siglas.....	viii

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
------------------------	----------

<b>CAPÍTULO I - DESENHO DA PESQUISA.....</b>	<b>3</b>
--	----------

1.1. Objetivo.....	3
1.2. Revisão da Literatura.....	3
1.3. Questões de Investigação.....	6
1.4. Metodologia.....	6

<b>CAPÍTULO II - A HERDADE DA COMPORTA.....</b>	<b>9</b>
---	----------

2.1. A evolução da Herdade da Comporta.....	9
2.2. A cultura do arroz e a criação de uma identidade local.....	14
2.3. The Atlantic Company e o Grupo Espírito Santo.....	24

<b>CAPÍTULO III - PATRIMONIALIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO TURÍSTICA.....</b>	<b>29</b>
--	-----------

3.1. O Museu do Arroz.....	29
3.2. A Reserva Natural do Estuário do Sado.....	36
3.3. O desenvolvimento turístico.....	38

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
-----------------------	-----------

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

1. Fontes.....	51
1.1. Fontes de Arquivo.....	51
1.2. Fontes Orais.....	51
1.3. Outras Fontes.....	51
2. Bibliografia.....	53
<b>ANEXOS.....</b>	<b>I</b>
Anexo A - Guião da entrevista a Jorge Casaleiro.....	I
Anexo B - Entrevista a Jorge Casaleiro.....	III

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 2.1 - A cronologia da Herdade da Comporta.....	13
Quadro 2.2 - A cadeia operatória da produção do arroz.....	17

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 - Orizicultura na Herdade da Comporta.....	16
Figura 2.2 - Campos de arroz na Herdade da Comporta.....	22
Figura 2.3 - Campos de arroz na Herdade da Comporta.....	23
Figura 2.4 - Mapa da Herdade da Comporta.....	27
Figura 3.1 - Museu do Arroz.....	35
Figura 3.2 - Mapa da Reserva Natural do Estuário do Sado.....	37
Figura 3.3 - Antigos edifícios requalificados.....	42



## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

ICOM - Conselho Internacional de Museus

ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

PAC - Política Agrícola Comum

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa fundamenta-se por um interesse pessoal e curiosidade pela Herdade da Comporta. O facto de residir na Comporta e de ter ligações familiares na área agrícola foram alguns dos motivos para avançar com este tema para a dissertação. A ligação da minha família à atividade agrícola, nomeadamente no cultivo do arroz, foi o que me impulsionou a utilizar este tema na presente pesquisa. Esta ligação da minha família com o cultivo de arroz iniciou-se a partir da segunda metade do século XX com as minhas avós a desempenhar a função de mondinas (encarregavam-se da monda, da plantação, da ceifa) e o meu avô paterno a desempenhar a função de capataz (responsável pelos grupos que trabalhavam nos arrozais). O meu pai deu continuidade a essa ligação a esta atividade agrícola, tendo começado a trabalhar na orizicultura ainda em adolescente e atualmente ainda permanece neste trabalho, desempenhando as funções de tratorista/maquinista. As duas gerações da minha família acompanharam o desenvolvimento da orizicultura na região, os meus avós foram trabalhadores no cultivo arroz numa época do trabalho tradicional, já o meu pai surgiu na época de transição para a modernização das técnicas na orizicultura. Apesar de eu não ter dado continuidade a essa tradição familiar, este trabalho retrata o legado que os meus avós e o meu pai deixaram nesta atividade agrícola. A orizicultura foi um marco importante no desenvolvimento do que é atualmente a Herdade da Comporta, sendo que antes da sua implementação a Herdade serviu de desterro na época de Marquês de Pombal e foi desaproveitada durante o século XIX sob administração da Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado.

A partir do segundo quartel do século XX começou-se a apostar fortemente na orizicultura na Herdade da Comporta, tornando-se no motor de arranque do desenvolvimento daquela propriedade que antes não tinha rentabilidade nenhuma. A administração da altura (*The Atlantic Company*) investiu em técnicas de cultivo e infraestruturas essenciais para tornar a Herdade numa zona ideal para o cultivo de arroz. Em consequência de todas estas evoluções, a Herdade da Comporta transformou-se num lugar dedicado à agricultura, e em simultâneo tornou-se num local habitado por uma comunidade de trabalhadores agrícolas.

O arroz tornou-se num símbolo da Herdade da Comporta, os arrozais ocupam uma grande parte dos 12 500 hectares da Herdade e preenchem a paisagem da região. A implementação da cultura do arroz permitiu desenvolver uma região que era considerada pouco rentável e estabelecer-se como um núcleo populacional com a vinda de ranchos migratórios de todas as regiões do país para trabalharem no cultivo do arroz, sendo que muitas dessas pessoas estabeleceram-se definitivamente na Herdade. O arroz tornou-se também num ingrediente importante na gastronomia local, ao ser utilizado em diferentes tipos de menus gastronómicos da região despertou o interesse de curiosos pelos pratos apresentados nos restaurantes locais.

Aos poucos, o turismo começou a entrar na Herdade da Comporta, com a Praia da Comporta a ser o elemento chave para a entrada da atividade turística na Herdade. Atualmente a Herdade da Comporta não se cinge apenas ao turismo balnear, sendo que o turismo habitacional aliou-se ao balnear e tornou a região da Comporta num dos destinos eleitos para passar férias ou mesmo para adquirir segundas habitações. Com o crescimento do turismo na Herdade da Comporta houve a decisão de preservar o seu património, quer o património natural, quer o património que foi construído aquando da implementação da orizicultura na herdade. O turismo e orizicultura são as principais atividades da Herdade da Comporta que atualmente têm mais importância, sendo que neste trabalho serão abordados os diferentes aspetos dessas duas atividades.

Neste trabalho, no Capítulo I serão apresentados os procedimentos realizados durante este trabalho de investigação. No Capítulo II será feita uma contextualização sobre Herdade da Comporta, em que se apresentará a evolução da Herdade abordando a sua história até ao momento atual. Abordar-se-á também a questão da orizicultura na Herdade da Comporta e que modo se tornou numa identidade local. No Capítulo III dar-se-á continuidade à abordagem sobre a orizicultura, mas na questão da utilidade do Museu do Arroz da Comporta. Tal como a Reserva Natural do Estuário do Sado, a área protegida que alberga os arrozais da herdade. O último ponto abordado neste capítulo é o turismo da Herdade da Comporta, em que se abordará a relação entre o património da Herdade e o turismo. Na Conclusão serão feitas as considerações finais deste trabalho de investigação.

# CAPÍTULO I - DESENHO DA PESQUISA

## 1.1. Objetivo

O principal objetivo deste trabalho de investigação é analisar as diferentes formas de valorização do património local, nomeadamente agrícola, que tem ocorrido na Herdade da Comporta ao longo do século XX e do início do século XXI. A orizicultura tem tido uma grande importância na vida cotidiana da Herdade e a sua implementação contribuiu para a construção de uma identidade regional original. Este trabalho irá então abordar os impactos da cultura do arroz na vida económica e social da Herdade da Comporta. Pretende-se ainda analisar o processo de constituição do Museu do Arroz, abordando a questão da sua função como lugar de preservação das memórias e vivências dos antigos trabalhadores da Herdade. Abordar-se-á também a função da Reserva Natural do Estuário do Sado, uma área protegida em que os arrozais da Herdade da Comporta se inserem. Por último, pretende-se analisar o desenvolvimento turístico na Herdade da Comporta num período mais recente, examinando a sua relação com a preservação e requalificação do património existente.

## 1.2. Revisão da Literatura

A revisão da literatura é um elemento fundamental processo de investigação. António V. Bento afirma que a revisão da literatura “é indispensável para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento”<sup>1</sup>. Apesar de a Herdade da Comporta ter uma rica história que permitiria vários estudos científicos, a verdade é que existem poucos trabalhos académicos sobre a Herdade da Comporta. Sendo que os trabalhos de Miguel Metelo de Seixas<sup>2</sup> e Ana Duarte<sup>3</sup> sobre a Herdade da Comporta são os mais relevantes.

---

<sup>1</sup> Bento, António V. (2012), “Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas”. *Revista JA* (Associação Académica da Universidade da Madeira), (Online), nº 65, ano VII, p. 1

<sup>2</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited.

<sup>3</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri.

Miguel Metelo de Seixas numa abordagem sobre a memória histórica faz um levantamento de toda a história da Herdade da Comporta, desde dos tempos pré-históricos até à época contemporânea, de modo a se observar a evolução da Herdade da Comporta. Aborda a questão da implementação da orizicultura na Herdade e do seu conseqüente sucesso, que tornou a Comporta numa “espécie de propriedade-modelo para a orizicultura portuguesa”<sup>4</sup>. Esse sucesso na orizicultura permitiu tornar o arroz num elemento identitário da Herdade da Comporta e compreender o desenvolvimento da Herdade da Comporta com a implementação do cultivo de arroz nas suas terras.

A importância da orizicultura na Herdade da Comporta originou em sucessivas construções de infraestruturas ligadas à atividade agrícola que atualmente desempenham funções diferentes às originais. Uma dessas infraestruturas requalificadas é a antiga fábrica de descasque de arroz da Comporta que desde 2011 alberga o Museu do Arroz. A importância da instalação de uma instituição museológica levou Ana Duarte em 2006 a abordar a questão da pertinência do Museu do Arroz na Comporta e os seus possíveis contributos. Ana Duarte afirma que a instalação do museu na Comporta contribuiria para que a região se tornasse numa “espécie de «Alto Lugar de Memória do Arroz» à escala nacional”<sup>5</sup> e para que a população desempenhasse um papel de informante privilegiado, contribuindo com as suas memórias. A questão do uso do património «lugar de memória» é abordado também por Shacker, Smith e Campbell<sup>6</sup>, que dão o exemplo da cidade de Broken Hill, na Austrália que preservou o seu património industrial com o objetivo de manter a herança cultural da comunidade de Broken Hill. Sendo que a cidade australiana atualmente utiliza o seu património atividade turística. Sendo uma atividade forte na Herdade da Comporta, houve uma requalificação nas infraestruturas ligadas à orizicultura, passando a desempenhar funções na atividade cultural e turística da região. Na questão do turismo, Mathieson e Wall definem o turismo como um movimento de pessoas que saem das suas áreas habituais de residência por

---

<sup>4</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 42.

<sup>5</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 325.

<sup>6</sup> Shackel, P, Smith, L and Campbell G. (2011), “Labour's heritage”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 17, n.º 4, pp. 291-300.

períodos não inferiores a vinte e quatro horas, sendo que esse movimento de pessoas provoca impactos nas áreas-destino a nível da cultura, do património e da sociedade<sup>7</sup>.

Carlos Costa refere que na sua história contemporânea, o turismo iniciou-se no século XVIII com o surgimento do *Grand Tour*, evoluindo no século XIX com a criação do primeiro pacote turístico (*package*), inventado por Thomas Cook com a realização da primeira viagem comercial de comboio entre Leicester e Loughborough, e por último, consolida-se no século XX com o fenómeno do “turismo de massas” que surge na década de 50 e evolui nas décadas de 60 e 70 com o desenvolvimento da aviação comercial<sup>8</sup>.

Frédéric Vidal refere que na viragem para o século XX o fenómeno turístico era praticado essencialmente por famílias aristocráticas e da alta burguesia, que escolhiam a praia e a montanha destinos para passar férias. Sendo que no último quartel do século XIX, as classes médias citadinas começaram-se a inserir na prática do turismo<sup>9</sup>. Inicialmente, o turismo realizado em Portugal prendia-se essencialmente pelo aproveitamento das praias portuguesas, nomeadamente as do Algarve e as da zona da grande Lisboa. Frédéric Vidal afirma que a relação entre o turismo e a I República teve “uma dimensão ideológica sustentada por uma conceção própria da atividade turística, que incorporava um ideal político e cultural”<sup>10</sup>. Frédéric Vidal refere ainda que nos primeiros anos da I República a «indústria do turismo» começou a ter influência na economia nacional, como na organização dos transportes, no desenvolvimento dos serviços (nomeadamente, os hotéis) ou no artesanato<sup>11</sup>.

Carlos Costa afirma que é com “o rápido crescimento do turismo de massas a nível internacional, que o sector do turismo nacional se vê catapultado para a ribalta dos maiores

---

<sup>7</sup> Mathieson, A. And Wall, G. (1982), “Tourism: Economic, Physical and Social Impacts”, Harlow, Longman.

<sup>8</sup> Costa, Carlos (2005), “Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000)”, *Análise Social*, (Online), n.175, pp. 280-281.

<sup>9</sup> Vidal, Frédéric (2014), “Turismo” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, Lisboa, Assembleia da República, volume III, pp. 1015.

<sup>10</sup> Vidal, Frédéric (2014), “Turismo” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, Lisboa, Assembleia da República, volume III, pp. 1015.

<sup>11</sup> Vidal, Frédéric (2014), “Turismo” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, Lisboa, Assembleia da República, volume III, pp. 1015.

destinos mundiais, através do incremento de fluxos de massas para o Algarve, decorrente da construção do aeroporto de Faro em 1965”<sup>12</sup>.

### **1.3. Questões de Investigação**

Neste presente estudo pretende-se fazer uma abordagem diversificada sobre a Herdade da Comporta, nomeadamente a questão do desenvolvimento económico, a salvaguarda cultural e patrimonial e o desenvolvimento turístico da região.

Posto isto, as questões de investigação que surgiram para a elaboração deste estudo são:

- Que importância teve a orizicultura na Herdade da Comporta?
- De que maneira a orizicultura se tornou num elemento identitário da Herdade da Comporta?
- Que impactos teve a instalação do Museu do Arroz na Comporta?
- De que maneira o património da Herdade da Comporta contribuiu para o crescimento do turismo na região?
- Que tipo de relação existe entre o património da Herdade da Comporta com o turismo?

### **1.4. Metodologia**

De acordo com as questões de investigação apresentadas decidiu-se, optar neste trabalho de investigação, pela utilização do método qualitativo com a recolha e análise de conteúdo de documentos primários, como Decretos-Lei promulgados pelo Estado Português. Procedeu-se também à recolha e análise de conteúdo de documentos secundários, como livros, monografias e artigos relacionados com a questão da Herdade da Comporta e sobre uma abordagem genérica com conceitos gerais. Foi aplicada uma entrevista semi-diretiva ao Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta, de modo a compreender a finalidade da instalação do Museu do Arroz na Comporta. Ainda na questão sobre o Museu do Arroz, recorreu-se à visualização de um pequeno filme com entrevistas a antigos trabalhadores da Herdade da Comporta de modo a extrair a informação contida sobre um

---

<sup>12</sup> Costa, Carlos (2005), “Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000)”, *Análise Social*, (Online), n.175, p. 281.

determinado período que a Herdade viveu. Na questão do turismo na Herdade da Comporta, procedeu-se à pesquisa e análise de artigos de imprensa nacional e internacional de modo a avaliar os pontos de vista sobre o crescimento do turismo na Herdade.

Um dos problemas encontrados durante a investigação, relaciona-se com a pouca documentação disponível sobre a Herdade da Comporta. O Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta refere em conversa, que aquando da instalação do Museu do Arroz foram encontradas semelhantes dificuldades em encontrar documentação para o espólio do museu. Gradualmente o museu veio receber material sobre a Comporta, que se encontrava desaparecido e outro que fora doado para o seu espólio.

Nesta investigação, os trabalhos de Miguel Metelo de Seixas (1999) e Ana Duarte (2006) foram importantes para compreender a história e evolução da Herdade da Comporta. Tal como, o contributo de Shacker, Smith e Campbell (2011) que fazem uma abordagem sobre a importância da preservação do património como lugar de memória, e das consequências que a sua utilização concedem. A entrevista ao Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta e o pequeno filme com os depoimentos dos antigos trabalhadores foram fundamentais para compreender a importância do Museu do Arroz e do próprio arroz. Os artigos de imprensa nacional e internacional sobre a Herdade da Comporta permitem compreender a importância que o património cultural no turismo da região.

De referir que neste presente trabalho de pesquisa contou com o apoio de fontes que disponibilizaram informações e documentação de grande relevância sobre os temas abordados nesta investigação. Essas fontes são: a Herdade da Comporta S.A. e Joana Espírito Santo (Fundação da Herdade da Comporta) que disponibilizaram o acesso à documentação do arquivo da Herdade; e Jorge Casaleiro (Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta) que disponibilizou documentação do museu, uma visita guiada ao museu e cedeu ainda uma entrevista para esta investigação.





## **CAPÍTULO II - A HERDADE DA COMPORTA**

Neste capítulo pretende-se apresentar a Herdade da Comporta, traçando inicialmente a sua evolução desde dos seus primórdios até aos dias de hoje. De seguida, abordar-se-á a questão da importância do arroz na região e de como se tornou num símbolo. As duas últimas administrações da Herdade da Comporta e grande impulsionadoras na orizicultura na Comporta são o ultimo tema abordado neste capítulo.

### **2.1. A evolução da Herdade da Comporta**

A história do sítio que atualmente é a Herdade da Comporta iniciou-se há muitos séculos atrás, contando com referências e influências desde a pré-história até à atualidade, como por exemplo a presença *Viking* nas zonas da Comporta e Carrasqueira. Apesar de existir testemunhos arqueológicos que comprovam a existência e a ocupação de povos na zona na época pré-histórica (Idade da Pedra e Idade dos Metais), só no período da Antiguidade Clássica é que zona que abrange a Comporta ganhou influência. Em 1999, Miguel Metelo de Seixas na sua monografia denominada de *Herdade da Comporta - Memória Histórica* relata os diferentes períodos vividos naquela região, desde dos tempos do domínio romano até à época contemporânea.

Miguel Metelo de Seixas refere que Salácia (atualmente Alcácer do Sal) no período de domínio romano beneficiou da sua proximidade ao Rio Sado para se tornar num grande centro comercial em que se comercializava produtos como vinho, azeite ou lã negra. Apesar da entrada romana na Península Ibérica em 218 a.C e a sua penetração tardia em território atualmente português, é possível nos dias de hoje ainda observar o seu legado em Alcácer do Sal e em Tróia<sup>13</sup>.

Nos tempos de domínio visigodo, Salácia viu a sua importância a diminuir como um dos principais portos comerciais da Península Ibérica. Miguel Metelo de Seixas refere que as

---

<sup>13</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 10-14.

invasões dos povos bárbaros tiveram um enorme impacto para essa decadência, sendo que foi também neste período que se nota uma diminuição da vida urbana e da atividade escrita. Em 711, o Reino Visigodo viria a ser desmantelado após as invasões na Península Ibérica pelas tropas lideradas por *Al-Tarique*<sup>14</sup>.

Já no período muçulmano, Salácia recuperou a sua importância comercial, aproveitando também os pinhais da região para a extração de madeira. Miguel Metelo de Seixas conta que Salácia ganhou outra função, passando o castelo a ser utilizado como alcáçova militar, sendo o local mais alto servia como ponto estratégico de defesa e ataque do território. Salácia tornou-se num dos bastiões de defesa do Império Muçulmano, sendo que fora um dos símbolos da resistência face à reconquista cristã liderada por D. Afonso Henriques. Só em 1158 é que viria a ceder à pressão cristã, que contou com o apoio dos cavaleiros da Ordem de Santiago da Espada.<sup>15</sup>

Na época moderna, começou a existir um interesse pela produção e exportação de sal e outros produtos tradicionais, sendo que os muçulmanos deixaram uma forte herança na agricultura. Os terrenos que atualmente compõem a Herdade da Comporta não se incluíam nesse projeto de prosperidade na região, sendo considerados como terrenos de fraco aproveitamento económico. Miguel Metelo de Seixas refere que os terrenos da Herdade da Comporta eram classificados como terras inóspitas, sendo postos de lado em relação às outras grandes propriedades próximas. Nos terrenos pantanosos da Comporta era impossível instalar uma cultura rentável, sendo que a única atividade que era possível explorar era a piscatória. Esta atividade era essencialmente praticada na zona da Carrasqueira em que vivia uma pequena comunidade de pescadores que vivia isolada das outras comunidades, pela inexistência de vias de comunicação<sup>16</sup>. Foi pelas vias de comunicação quase inexistentes e pela grande distância dos centros populacionais que levaram Marquês de Pombal a utilizar os terrenos da Comporta para enviar os criminosos da época para o desterro, que acabavam por

---

<sup>14</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 15-16.

<sup>15</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 18-19.

<sup>16</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 30.

morrer por falta de condições. Em 1759, a Comporta foi anexada à Casa do Infantado por extinção da Casa Ducal de Aveiro (detentora dos terrenos), em que o 8<sup>a</sup> Duque de Aveiro viu as propriedades confiscadas por ter perpetuado contra o Rei D. José I. Miguel Metelo de Seixas refere que no ano de 1834, após a vitória do liberalismo em Portugal a situação financeira não era favorável para o Reino Português e D. Maria viu-se obrigada a vender os bens da Casa do Infantado, levando sua à extinção por consequência. A Carta de Lei de 16 de Março de 1836 aprovou a venda em hasta publica dos terrenos da Herdade da Comporta, juntamente com outras propriedades do Alentejo e Ribatejo. As condições de venda obrigavam que todas essas propriedades fossem incorporadas em apenas numa única propriedade.<sup>17</sup>

Por decreto de 16 de Dezembro de 1836 a venda dos terrenos foi realizada por dois mil contos de réis e é formada a Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado. Miguel Metelo de Seixas afirma que nos primeiros anos de existência da Companhia, a Herdade da Comporta não obteve muita atenção por parte da administração da Companhia, que estava mais interessada nos terrenos mais férteis e que davam mais lucro de imediato. A Herdade da Comporta era a propriedade da Companhia das Lezírias vista como a menos importante, ficando em ultimo lugar da hierarquia, sendo denominada de “5<sup>o</sup> administração”. Apesar de ao longo dos tempos verificar-se um melhor aproveitamento da Comporta, a verdade é que viveu sempre na sombra dos terrenos do Tejo, levando a Companhia das Lezírias a considerar venda da então “5<sup>o</sup> administração”<sup>18</sup>.

A 15 de Maio de 1925, a Companhia das Lezírias procede à venda da totalidade dos terrenos que compunham a Herdade da Comporta à *The Atlantic Company Limited*, uma empresa fundada a 17 de Fevereiro desse ano em Jersey (Canal da Mancha) por acionistas ingleses e portugueses. Esta nova administração procurou promover um grande desenvolvimento na Comporta, com o objetivo de transformar os terrenos numa propriedade-modelo para o cultivo do arroz. Foram aplicadas novas técnicas de cultivo de arroz e é feito um grande investimento na construção de infraestruturas para o armazenamento do arroz e de

---

<sup>17</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 36-37.

<sup>18</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 36-39.

casas habitacionais, dado que foi nesta altura que se deu um surto populacional na zona da Herdade da Comporta. Miguel Metelo de Seixas afirma que a “nova administração promoveu a substituição das velhas cubatas por casas de habitação com melhores condições higiénicas, e a construção de oito espaçosos celeiros. Também cuidou de instalar um digno escritório, telheiros apropriados para resguardo dos cereais, uma eira com um chão revertido a mosaico para a operação da debulha, e mesmo uma escola”<sup>19</sup>.

Em 4 de Agosto de 1934, o jornal “*O Setubalense*” publica uma reportagem com base de uma visita feita pela Herdade da Comporta em que a descreve como “uma das primeiras senão a primeira organização orizícola do Paiz”<sup>20</sup>. Nesta visita pela Herdade liderada pelos diretores William A. Toit, Frank Jeantrunes e Jorge Nunes de Matos são mostradas as inovações feitas pela *The Atlantic Company*, como as novas técnicas implementadas na agricultura e as infraestruturas feitas por toda a Herdade da Comporta. Com o acesso à Comporta a ser feito maioritariamente por barco, devido às vias de comunicação deficitárias, a Comporta estava isolada dos centros urbanos como Alcácer do Sal ou Setúbal fazendo com que se desenvolvesse a comunidade com a criação de uma padaria, uma barbearia ou uma mercearia. Houve também desenvolvimentos nos núcleos populacionais da Carrasqueira e Carvalhal, desencadeando uma nova onda de construções de dormitórios e armazéns.

Em 1952, sob influencia da empresa Manuel Silva Torrado & Irmão foi criada a fábrica de descasque de arroz da Comporta. Miguel Metelo de Seixas refere que a *The Atlantic Company* que atravessava por uma crise financeira despertou o interesse da Manuel Silva Torrado & Irmão para a aquisição da Herdade da Comporta, mas por não deter capital suficiente, Manuel Ricardo Espírito Santo e Silva é convidado a entrar na sociedade para a compra da Comporta. Em Setembro de 1955 é consumada a venda da *The Atlantic Company* à sociedade Manuel Silva Torrado & Irmão e Grupo Espírito Santo. Em 1958, o Grupo Espírito Santo compra a parte da Manuel Silva Torrado & Irmão, ficando assim com a totalidade da

---

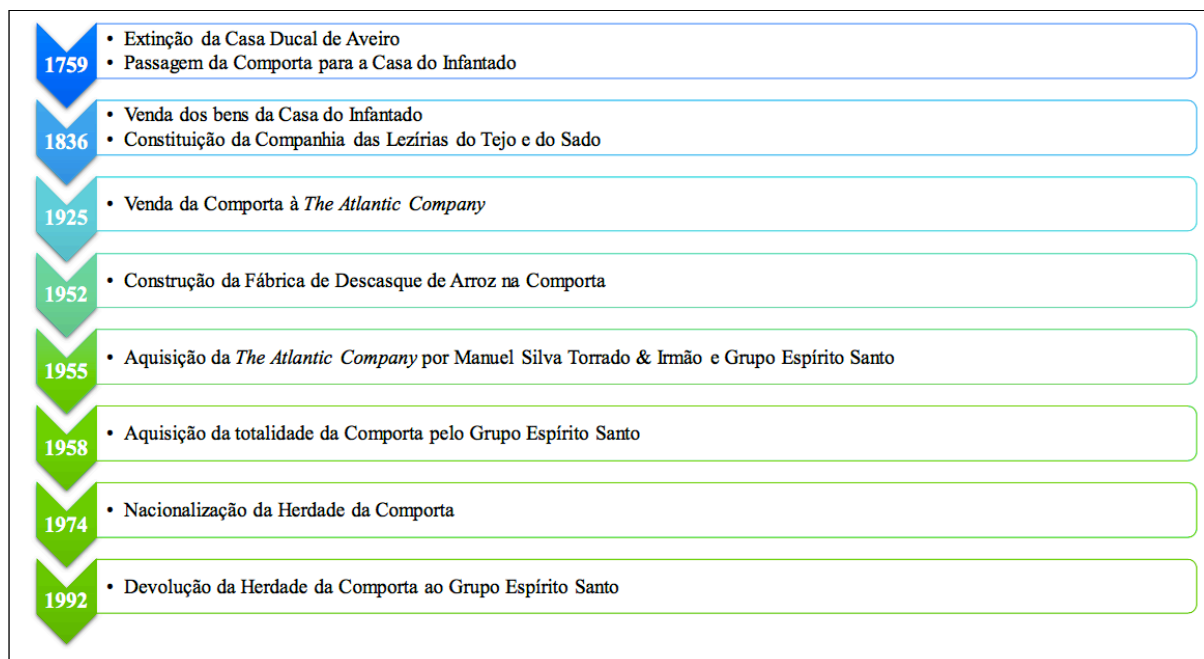
<sup>19</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 42.

<sup>20</sup> “Um Homem”, Jornal *O Setubalense*, Setúbal, 4 de agosto de 1934

Herdade da Comporta, sendo administrada por José Ricardo Espírito Santo e Silva, José Quintela Saldanha e Vasco Infante da Câmara<sup>21</sup>.

Com a Revolução do 25 de abril de 1974, a Herdade da Comporta foi nacionalizada pelo Estado Português, ficando o Grupo Espírito Santo apenas com a parte urbana. Os desentendimentos entre as duas partes levaram a uma redução significativa da produção de arroz e a uma diminuição de população, que se deslocou para outras zonas. Em 1992, grande parte da área agrícola da Herdade da Comporta é devolvida à Família Espírito Santo. Em finais da década de 90 iniciou-se a atividade turística na Herdade da Comporta, primeiramente apenas com a Praia da Comporta a servir como rampa de lançamento para o turismo na região. A partir dos anos 2000 começou-se a fazer turismo habitacional, tendo se complementado com o turismo balnear. O Quadro 2.1 - A cronologia da Herdade da Comporta apresenta os principais momentos que a Herdade da Comporta.

### Quadro 2.1 - A cronologia da Herdade da Comporta



Fonte: adaptado de Seixas (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, pp. 36-41

<sup>21</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 43.

Atualmente, a agora denominada Herdade da Comporta - Atividades Agro Silvícolas e Turísticas, S.A. alia a atividade agrícola (cultivo de arroz e produção vinícola) com a atividade turística, sendo estas os pilares económicos da região.

## **2.2. A cultura do arroz e a criação de uma identidade local**

O arroz é um dos alimentos mais consumidos no mundo, sendo ingrediente em na gastronomia de muitos países. A orizicultura como cultivo de arroz é um dos cultivos mais importantes em todo o mundo, destacando-se juntamente com os cultivos do milho e trigo como as maiores culturas cerealíferas do mundo. A orizicultura não se adapta em todos os locais do mundo, sendo que necessita de um clima temperado e com abundância de água para que a colheita seja posteriormente positiva.

Segundo Manuel Vianna e Silva, o arroz teve origem no sudeste asiático, em oposição a outros autores que defendem que o arroz teve origem na África Tropical ou na América Latina<sup>22</sup>. Não se sabe exatamente a data da introdução da orizicultura em Portugal, sendo que Manuel Vianna e Silva refere que as primeiras notícias sobre o cultivo de arroz em território surgem durante o reinado de D. Dinis. Este rei era um grande incentivador da agricultura, tendo promovido o cultivo de várias espécies estrangeiras, entre elas o arroz. O cultivo de arroz durante o período medieval nunca apresentou grandes resultados, levando à perda de importância e à sua extinção<sup>23</sup>.

A orizicultura voltaria a ser retomada no século XVI, sendo que segundo Miguel Metelo de Seixas, o cultivo do arroz “tardou a afirma-se como cultura válida, o que deve estar relacionado com a sua prática em terrenos alagadiços: estes são, por natureza, insalubres, e muito afoitos a paludismos”<sup>24</sup>. Os terrenos para a orizicultura acabavam por ser secos e utilizados para as culturas de sequeiro. Miguel Metelo de Seixas refere ainda que o passo decisivo para o desenvolvimento da orizicultura em Portugal decorreu no reinado de D. José I, em que sob a ideia de Marquês de Pombal era que a “riqueza nacional se fundamentava na

---

<sup>22</sup> Silva, Manuel Vianna e (1969), *Arroz*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 11-12

<sup>23</sup> Silva, Manuel Vianna e (1969), *Arroz*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 14-15

<sup>24</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 32

exploração sistemática de todos os recursos do país, a começar pela agricultura”<sup>25</sup>. Sendo que no reinado seguinte, D. Maria I viria a proibir a importação de arroz, de modo a consumir apenas a produção nacional. Outro grande momento decisivo para a orizicultura em Portugal surge após a vitória do liberalismo em 1834, em que os bens do reino são desvinculados e consequentemente vendido em hasta pública. A partir de 1836, as propriedades que pertenciam ao reino passaram a ser controladas por privados. Miguel Metelo de Seixas refere que apesar das críticas feitas na altura referentes à venda das propriedades, “a verdade é que a sua venda promoveu, muitas vezes, a valorização agrícola de grandes propriedades. Assim se explica, por exemplo, o rápido crescimento dos arrozais, única cultura capaz de se instalar em paus que, de outro modo, continuariam incultos”<sup>26</sup>. Com o crescimento dos arrozais, começaram a surgir queixas em relação aos arrozais que eram considerados a causa de várias doenças, devido às águas paradas. Manuel Vianna e Silva refere que o descontentamento da população deveu-se à insalubridade dos terrenos de cultivo e por alguns interesses particulares, o que levou ao governantes a decretar a extinção dos campos de arroz existentes em todo o país, porém, essa extinção completa nunca se verificou<sup>27</sup>.

Manuel Vianna e Silva conclui que só após o ano de 1909 é que a orizicultura viria a ser encarada como uma cultura viável após testes científicos. A partir do ano 1933, após o apoio do Estado, a orizicultura afirma-se e ocorre uma rápida expansão do cultivo de arroz, tal como um notável desenvolvimento técnico<sup>28</sup>.

Na Herdade da Comporta, após várias tentativas de implementar o cultivo de arroz nas suas terras em meados do século XVIII, a orizicultura na Comporta só viria a se desenvolver quando em 1925 a *The Atlantic Company* compra os terrenos à Companhia das Lezírias e traz algumas inovações no cultivo do arroz. A implementação de cultura do arroz na Comporta obrigou à contratação de mão-de-obra vinda de outras regiões do país, nomeadamente ranchos migratórios vindos do Algarve e do Ribatejo. Sendo que a administração da *The Atlantic Company* decide desenvolver a propriedade com a construção de várias infraestruturas

---

<sup>25</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 32

<sup>26</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p.33

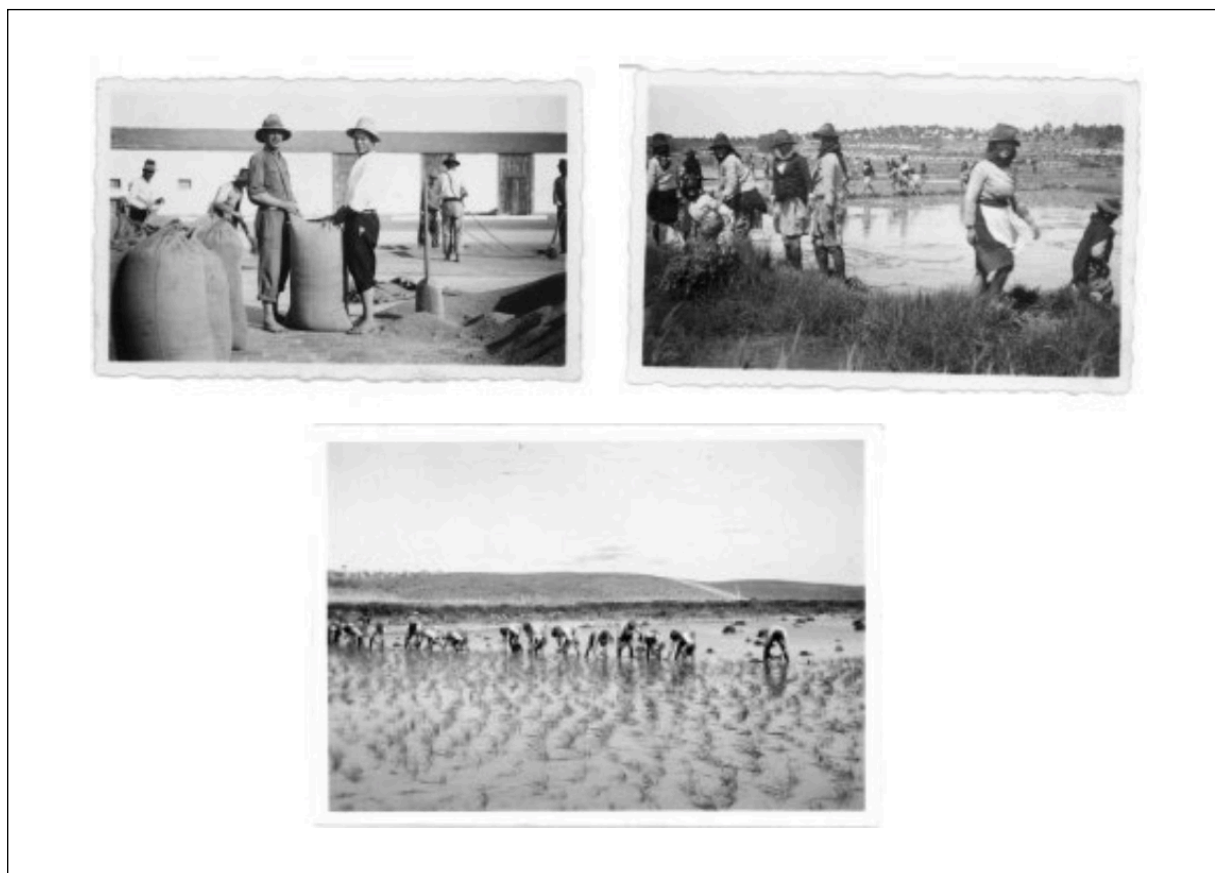
<sup>27</sup> Silva, Manuel Vianna e (1969), *Arroz*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p.15

<sup>28</sup> Silva, Manuel Vianna e (1969), *Arroz*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p.15



necessárias à orizicultura, e também à população. A introdução da cultura do arroz na Herdade da Comporta é importante no sentido em que permitiu povoar aqueles terrenos que contava anteriormente apenas com pequenas comunidades piscatórias. As inovações trazidas pelos ingleses e o crescimento do número de produção de arroz despertou o interesse dos curiosos que viam a orizicultura a estabelecer-se positivamente naquela propriedade que estava isolada da civilização. No artigo do Jornal *O Setubalense* publicado a 4 de agosto de 1934, é dado a conhecer as inovações feitas pela *The Atlantic Company*, como os sistemas de irrigação, os celeiros e os escritórios. Os procedimentos na produção do arroz foram muito importantes na Herdade da Comporta, sendo que tudo estava programado para tudo corresse normalmente desde do tratamento até à venda do arroz<sup>29</sup>.

**Figura 2.1 - Orizicultura na Herdade da Comporta**



Fonte: Website da Herdade da Comporta in <http://www.herdadedacomporta.pt/pt/turismo/museu-do-arroz/>

<sup>29</sup> “Um Homem”, Jornal *O Setubalense*, Setúbal, 4 de agosto de 1934

Em 2006, Ana Duarte aquando da pesquisa sobre a pertinência da instalação de um Museu do Arroz na Comporta, através das entrevistas realizadas antigos trabalhadores da *The Atlantic Company*, elaborou uma reconstituição da cadeia operatória da produção do arroz realizada na Herdade da Comporta até ao ano 1952. O Quadro 2.2 - A cadeia operatória da produção do arroz representa a cadeia operatória da produção do arroz, explicando individualmente os procedimentos na produção do arroz:

**Quadro 2.2 - A cadeia operatória da produção do arroz**

<p><b>Preparar a terra (trabalho feito por homens)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lavrar a terra com tratores e charruas</li> <li>• Gradar a terra que fica em leivas e a grade desfaz as leivas</li> <li>• Fazer muros dividir o espaço em canteiros</li> <li>• Meter água que é amolecer a terra</li> <li>• Rebaixar com enxadas desfazer e nivelar a terra</li> </ul>
<p><b>Sementeira em viveiros</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Semear em viveiros (fins de Fevereiro, princípios de Março)</li> <li>• Deixar crescer o arroz</li> <li>• Arrancar o arroz dos viveiros (Abril)</li> <li>• Plantar na área toda</li> <li>• Pegar o arroz na terra</li> </ul>
<p><b>Monda (Tarefa executada em Junho pelos ranchos migratórios de homens e mulheres)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arrancar as ervas daninhas para não prejudicar o arroz</li> </ul>

<p><b>Ceifa (Tarefa executada em Outubro pelos ranchos migratórios de homens e mulheres)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cortar ou cegar o arroz</li> <li>• Carregar o arroz em molhos à cabeça (mulheres) para os barcos que circulavam nas várias valas</li> </ul>
<p><b>Transporte do Arroz</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transportar os molhos para a eira, trabalho executado pelos barqueiros</li> <li>• Descarregar os molhos na eira e aí ficavam aos montes, trabalho executado pelos barqueiros.</li> </ul>
<p><b>Debulhar</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alimentar a debulhadora, as mulheres entregam os molhos aos homens que os levavam à debulhadora</li> <li>• Debulhar nas máquinas (nas eiras havia máquinas debulhadoras que tiravam o arroz dos molhos, pois a máquina separava o arroz da palha)</li> </ul>

<p><b>Secagem</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transporte do arroz para a eira nuns carros adaptados à tarefa.</li> <li>• Colocar o arroz em monte corrido para a fase de secagem</li> <li>• Carregar a palha em padiolas (homens)</li> <li>• Colocar a palha em alpaiões (montes de palha)</li> <li>• Despejar na eira o arroz (o arroz saía da debulhadora húmido e era transportado nuns pequenos carros que o despejavam na eira)</li> <li>• Espalhar o arroz com um rodo</li> <li>• Remexer o arroz com a grade da eira para secar por baixo e por cima</li> <li>• Juntar com a burra (instrumento de trabalho em madeira, tipo rodo com dentes, puxado por um homem de cada lado) o arroz em montes</li> </ul>
<p><b>Pesar e Ensacar</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Juntar o arroz em montes</li> <li>• Pesar o arroz na eira em balanças e ensacar o arroz</li> </ul>

<b>Transportar o arroz</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carregar o arroz às costas (homens) para os carros de tração animal</li> <li>• Transportar o arroz para os secadores</li> <li>• Colocar o arroz nos secadores (colunas onde se introduzia o arroz e era seco com ar aquecido)</li> </ul>
<b>Armazenar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Depositar o arroz seco nos celeiros</li> <li>• Colocar o arroz em pelas (montes) de 100/200/300 Toneladas</li> <li>• Padejar o arroz (mexer) com pás de madeira (homens ou mulheres)</li> <li>• Ventilar o arroz</li> </ul>
<b>Venda do arroz</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesar pela segunda vez o arroz (nos celeiros)</li> <li>• Ensacar pela segunda vez o arroz (nos celeiros)</li> <li>• Transportar os sacos nos carros de tração animal até ao porto fluvial onde era vendido para os industriais exteriores à Herdade que tratariam do descasque</li> </ul>

Fonte: adaptado de Duarte (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, pp. 330-333

Com a construção da fábrica de descasque de arroz na Comporta em 1952, este processo era todo feito na aldeia e já era vendido diretamente para os armazéns ou lojas.

Ana Duarte no mesmo estudo faz também a constituição do processo utilizado após instalação da fábrica de descasque na Comporta:

“A partir de 1952, quando o cereal já estava seco nos secadores instalados na eira ou nos celeiros, era levado para a fábrica. O arroz entrava por um tegão (buraco no chão onde se despejava o arroz) e, no andar de cima desse buraco, estava uma tarara (máquina de limpeza). Uma nora elevava o arroz até lá para se efetuar a dita limpeza. O segundo segmento da nora levava o arroz até ao silo de arroz com casca. Outras noras tiravam-no do silo e levavam-no para a segunda tarara de limpeza. Aí era deitado nos descascadores e descia para os crivos, onde era aspirado e levado por uma outra nora para o local da separação do arroz. Os descascadores aceitavam 90% e rejeitavam 10% e voltava novamente ao descascador. Os separadores tinham alvéolos que separavam o arroz miúdo, médio e grado e eram regulados conforme o tipo que se estava a laborar. Se estavam a laborar arroz miúdo os alvéolos rejeitavam o arroz grado e só aproveitavam o miúdo. O grado vinha devolvido e podia ir lá de uma a cinco vezes e andar num circuito e nunca passar. O cereal ia então para um depósito de arroz sem casca e em seguida para as branqueadoras, que eram quatro, o arroz ia para a primeira, segunda, terceira e por fim para a quarta. Ao ser branqueado (limado) largava farelo, que era vendido para as rações. Após o branqueamento, o farelo ia ao separador de trincas (trincas de 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>) correndo depois para as ensacadoras de farelo e trincas. O arroz ia em seguida para a ensacadora e empacotadora, a casca ia para a casa da casca e para o tegão de envio de casca para alimentação do queimador da caldeira existente no r/c”<sup>30</sup>.

A instalação da fábrica de descasque de arroz na Comporta veio modernizar a produção de arroz na região, sendo mais tarde as máquinas ceifeiras de arroz vieram facilitar o trabalho da ceifa do arroz e o uso da avioneta no semeio de arroz e adubação. Estas inovações na agricultura levaram Fernando Oliveira Baptista a afirmar que na segunda metade do século XX “a ceifa e a debulha já não necessitam da destreza dos ceifeiros e da perícia dos malhadores, e são agora, operações dependentes da eficácia solitária da máquina”<sup>31</sup>. O

---

<sup>30</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 333-334

<sup>31</sup> Baptista, Fernando Oliveira (1996), “Declínio de um tempo longo”, in *O Voo do Arado*, Lisboa, p. 43

declínio das alfaias agrícolas deveu-se à introdução de maquinaria moderna na agricultura, devido a ter índices de produtividade mais elevados. Na Herdade da Comporta, o nível de produção de arroz foi favorável até 1974, ano em que a parte agrícola da Herdade foi nacionalizada pelo Estado Português no seguimento da Revolução de 25 de Abril. Após essa data, a produção de arroz na Herdade da Comporta diminuiu significativamente devido à intervenção do Estado na administração da Herdade. Outro dos motivos para essa diminuição é dado por Fernando Oliveira Baptista, que afirma que a entrada de Portugal na União Europeia em 1986 e a sua submissão às diretivas da PAC - Política Agrícola Comum, cujas orientações não foram favoráveis a Portugal, sendo que continuavam a privilegiar os produtos originários do Centro e Norte da Europa<sup>32</sup>.

**Figura 2.2 - Campos de arroz na Herdade da Comporta**



Fonte: Foto de Rafael Ferreira

---

<sup>32</sup> Baptista, Fernando Oliveira (1996), "Declínio de um tempo longo", in *O Voo do Arado*, Lisboa, p. 43



**Figura 2.3 - Campos de arroz na Herdade da Comporta**



Fonte: Foto de Rafael Ferreira

Em 1992, grande parte da área agrícola da Herdade da Comporta é devolvida à antiga administração, e o arroz voltou a ganhar a importância que perdera com democratização em Portugal. A produção de arroz na Herdade da Comporta aumentou, levando a administração a adquirir duas outras fábricas (Torrinha e Vale Guizo). Atualmente todas essas fábricas, incluindo a da Comporta, encontram-se desativadas com a transferência da atividade para a zona do Ribatejo. O modo de administração dos arrozais também é diferente do que se atuava nos primeiros tempos da Herdade da Comporta, atualmente parte das terras são geridas por rendeiros que pagam uma renda ao arrendatário, neste caso a administração da Herdade da Comporta, para poder explorar os arrozais.

Apesar de nos tempos atuais, a produção de arroz já não ser a mesma desde do seu início no século XX, o arroz não deixou de ter a sua importância como impulsionador económico e símbolo identitário da Herdade da Comporta. Os arrozais são, igualmente com



as praias e florestas, os símbolos do património natural da Herdade da Comporta que atualmente impulsionam a atividade turística da região. Tal como o arroz que é o ingrediente fulcral na gastronomia local, está incluído na maioria dos pratos mais populares da região. O arroz de marisco, o arroz de lingueirão ou o arroz de polvo são algumas das receitas que reúnem os recursos existentes na Herdade da Comporta ou nas imediações. O arroz é principal protagonista na história da Herdade da Comporta, sendo que foi a partir do seu cultivo que foi possível desenvolver uma zona praticamente despovoada e isolada da civilização. A implementação da orizicultura na Herdade da Comporta “obrigou” a contratação de mão-de-obra forasteira, sendo que as pessoas que vinham para lá trabalhar passavam largas temporadas na Herdade.

Muitas das pessoas que integravam os ranchos migratórios vindos de várias zonas do país, acabariam por se estabelecer definitivamente na Herdade da Comporta e constituir família, sendo que muitos dos atuais habitantes da Herdade são descendentes dos trabalhadores que vinham nesses ranchos. A marca de arroz “Ceifeira” era detida pela *The Atlantic Company*, sendo que é a marca de arroz mais antiga do país. Apesar de a marca atualmente pertencer à empresa Dacsa Atlantic (anterior *The Atlantic Company*) que opera em Coruche, o antigo reclame do arroz “Ceifeira” ainda perdura na Comporta nos antigos escritórios da Herdade.

A maior parte das construções feitas durante o segundo quartel do século XX ainda permanece como símbolo patrimonial da Herdade da Comporta. Os celeiros, as oficinas, os escritórios, a padaria ou o cinema são algumas das estruturas que se mantêm com suas características originais, sendo atualmente utilizadas para atividades diferentes às que antigamente desempenhavam na Comporta.

### **2.3. The Atlantic Company e o Grupo Espírito Santo**

Ao longo da sua história a Herdade da Comporta teve várias administrações a controlar os seus destinos, exemplo da Casa Ducal de Aveiro ou a Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado, mas apenas se destacam duas: primeiramente a *The Atlantic Company* (1925 - 1955) e posteriormente o Grupo Espírito Santo (1958 - 1974 e 1992 - atualidade).

Em 1925 quando a *The Atlantic Company* assumiu a administração da Herdade da Comporta viu promover uma revolução naquela pequena região que fora abandonada pelas

anteriores administrações. Miguel Metelo de Seixas refere que a *The Atlantic Company* tinha a intenção de tornar a Herdade da Comporta numa propriedade voltada para a produção orizícola, sendo promoveu um grande desenvolvimento na Comporta com o melhoramento dos solos agrícolas e a implementação de novas técnicas na cultura do arroz vindas de fora de Portugal, nomeadamente na transplantação que necessitou da vinda de mão-de-obra especializada proveniente da vizinha Espanha. Esta administração apostou também no melhoramento das infraestruturas existentes, com a substituição das cubatas (cabanas de colmo, originárias de África) por casas habitacionais e a construção de celeiros e telheiros para o resguardo dos cereais<sup>33</sup>. Os trabalhadores que vinham trabalhar para a Comporta vinham de todas as zonas do país, pelo que foi necessário criar condições básicas para aquelas pessoas que passavam longas temporadas na Comporta. Miguel Metelo de Seixas refere que ao longo do tempo, a *The Atlantic Company* foi gradualmente construindo a Comporta com a criação de uma escola, de padaria, uma mercearia, uma barbearia, um escritório e oficinas, de modo a satisfazer as necessidades da população que vivia isolada dos centros urbanos. Sendo que a população da Comporta veio a crescer e a expandir-se para zonas vizinhas (Carrasqueira, Torre e Carvalhal) pelo que foi necessário construir dormitórios, armazéns e celeiros. O investimento mais importante feito pela *The Atlantic Company* aconteceu em 1952 com a criação da fábrica de descasque de arroz da Comporta, permitindo uma otimização na produção do arroz com um conjunto maquinarias que levaram a um aumento da quantidade de arroz em menor tempo<sup>34</sup>.

Já o Grupo Espírito Santo em 1958 quando adquire a *The Atlantic Company* procurou dar continuidade à cultura do arroz na Comporta com a intenção de desenvolver aquela atividade agrícola que era o principal sustento económico da região. Miguel Metelo de Seixas afirma que esta nova administração que passara a ser controlada pelo Grupo Espírito Santo teve o interesse em aumentar a orizicultura na região, pelo que desencadeou várias operações topográficas nos terrenos da Comporta como o desbravamento e nivelamento do sapal, apostando na introdução de infraestruturas por toda a Herdade como a construção do

---

<sup>33</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 42

<sup>34</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, pp. 42-43

aeródromo na Comporta, de um posto da Guarda Nacional Republicana, de novos escritórios, de três escolas (na Comporta, Carrasqueira e Carvalhal), de um cinema e de vários bairros (na Comporta, Carvalhal e Torre)<sup>35</sup>. Com a produção de arroz a crescer, a administração optou por adquirir duas fábricas de descasque existentes na periferia (Vale de Guizo e Torrinha). Miguel Metelo de Seixas refere que o isolamento que a Herdade da Comporta tinha com os centros urbanos foi gradualmente resolvido com a construção da estrada de ligação Comporta - Tróia em 1968, e em 1973 com a construção da estrada Alcácer do Sal - Comporta. Com a parte agrícola da Herdade da Comporta a passar para o controlo do Estado Português após a Revolução de 25 de abril de 1974, ficando o Grupo Espírito Santo apenas com o controle da área urbana. A produção de arroz foi substancialmente reduzida e desenvolvimento da Comporta estagnou por a Herdade ter sido nacionalizada pelo Estado Português.<sup>36</sup>

Em 1992, a parte nacionalizada da Herdade da Comporta é devolvida ao Grupo Espírito Santo e dá-se a uma viragem no futuro da Comporta. Começa-se a virar para a valorização turística com a Praia da Comporta surgindo como principal elemento de visita, atraindo turistas para a região. O turismo habitacional é a consequência dessa valorização turística, em que se utiliza os elementos patrimoniais da região para torná-la num ponto de referência. Em 2002, inicia-se a produção de vinho na Herdade da Comporta com cerca de 35 hectares de vinha, sendo que os antigos celeiros da antiga *The Atlantic Company* foram transformados nas instalações da Adega da Herdade da Comporta. Houve a preocupação de preservar e requalificar as infraestruturas da antiga *The Atlantic Company*, como a transformação da fábrica de descasque de arroz da Comporta no Museu do Arroz ou os antigos escritórios em lojas de retalho, impulsionando o turismo na Comporta. A Fundação Herdade da Comporta, criada em 2004, desenvolveu o Projeto Isabel Theodora que tinha como objetivo de reabilitar as habitações pertencentes da Herdade da Comporta, permitindo que as habitações fossem ocupadas (emprestadas gratuitamente ou arrendadas preço simbólico) por famílias carenciadas e/ou trabalhadores da Herdade. Estas ações desenvolvidas

---

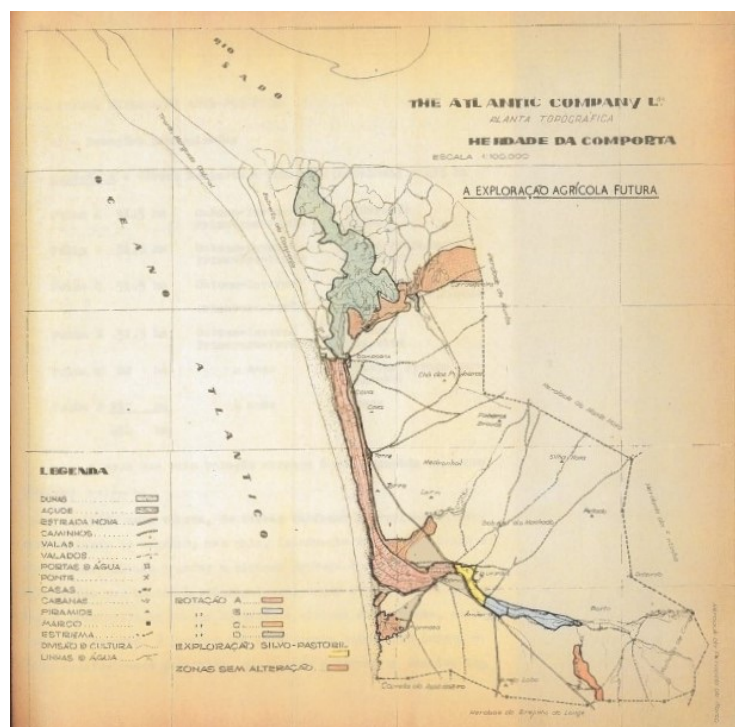
<sup>35</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 43

<sup>36</sup> Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited, p. 43

pretendiam preservar as características tradicionais e arquitetónicas das aldeias da Herdade, de modo a preservar a identidade cultural da Herdade da Comporta.

A partir do segundo quartel do século XX, a Herdade da Comporta teve um desenvolvimento que nunca tinha sido implementado anteriormente. A administração da *The Atlantic Company* (1925 - 1955) desempenhou um papel importante na evolução na orizicultura na Comporta e tornando-a na principal atividade económica da região, conseguindo simultaneamente tornar a Herdade da Comporta numa zona populacional com a construção de infraestruturas necessárias para a habitação e trabalho. O Grupo Espírito Santo (1958 - 1974 e 1992 - atualidade) deu continuidade às estratégias implementadas pela anterior administração, tendo apostado no desenvolvimento na cultura do arroz e no crescimento habitacional da Herdade. A segunda passagem do Grupo Espírito Santo pela administração da Herdade da Comporta fica marcada pela aposta em outras áreas, como a implementação produção vitivinícola e o desenvolvimento turístico na Herdade. Sendo que o património da Herdade da Comporta desempenha um papel essencial para o desenvolvimento da região.

**Figura 2.4 - Mapa da Herdade da Comporta**



Fonte: Arquivo da Herdade da Comporta



## CAPÍTULO III - PATRIMONIALIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO TURÍSTICA

Neste capítulo será abordado a questão do Museu do Arroz, a sua criação e utilidade na Herdade da Comporta. De seguida, abordar-se-á a Reserva Natural do Estuário do Sado, uma área protegida em que se englobam os arrozais da Herdade. O desenvolvimento turístico da Herdade será o último tema abordado neste capítulo.

### 3.1 O Museu do Arroz

Atualmente, conforme os estatutos da 22ª Assembleia Geral realizada em Viena a 24 de agosto de 2007, o ICOM - Conselho Internacional de Museus<sup>37</sup> definiu o conceito de museu como uma “instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”<sup>38</sup>. Nos dias de hoje, a palavra “museu” já não é apenas usada para definir as instituições permanentes sem fins lucrativos que evocam o passado mas sim também para dar nome a estabelecimentos comerciais, exemplos do Museu da Cerveja em Lisboa ou o Museu do Pão em Seia. Estes dois estabelecimentos ligados à área da restauração contam com um acervo histórico que lhes permite aliar a história dos seus produtos com o lado económico, nomeadamente no setor terciário.

Na Herdade da Comporta o mesmo sucede-se com o Museu do Arroz, mas com contornos diferentes. A ideia de criar um museu sobre a cultura do arroz surgiu em 1998 utilizando o edifício da antiga fábrica de descasque de arroz da Comporta, que fora desativada em 1995. Inicialmente parte do edifício foi utilizada para a instalação de um restaurante sob o nome “Museu do Arroz”, posteriormente a parte do edifício destinada ao museu foi requalificada em 2004 e a instalação do museu na antiga fábrica iniciou-se em 2010, sendo

---

<sup>37</sup> O ICOM - Conselho Internacional de Museus é uma organização internacional sem fins lucrativos, foi criada em 1946 e dedica-se a elaborar as directrizes internacionais para os museus.

<sup>38</sup> ICOM - Portugal (2015), “Definição de Museu”, in <http://icom-portugal.org/recursos/definicoes/> visualizado a 10 de Setembro de 2017 pelas 08h

inaugurado em 2011<sup>39</sup>. Segundo Ana Duarte, quem se dirigisse à Comporta “encontrava, não uma instituição museológica mas um afamado e caro restaurante especializado em pratos de arroz, peixe e marisco”<sup>40</sup>. O restaurante ganhou notoriedade ao se denominar “Museu do Arroz” e se localizar na antiga fábrica de descasque, sendo que Ana Duarte defende que estando o restante espaço ao abandono, mas conservando-se os equipamentos originais da fábrica, permitiu ao restaurante “encenar o passado” através do edifício fabril e do seu acervo histórico<sup>41</sup>.

Devido à história da Herdade da Comporta e tendo o arroz ganho uma importância na região, era pertinente instalar um «verdadeiro» museu na Comporta. A Herdade da Comporta SA, empresa detentora da Herdade, nos primeiros anos do século XX tinha pretensões de desenvolver o turismo da região aproveitando o património natural e cultural da Herdade da Comporta (como as praias, arrozais, floresta, vinha ou as aldeias com arquitetura tradicional), e ainda os restaurantes locais que utilizam o arroz nas suas especialidades gastronómicas que tiveram um papel importante no crescimento do turismo na Herdade da Comporta.

Ana Duarte defende que com a instalação do «verdadeiro» Museu do Arroz na antiga fábrica de descasque da Comporta o arroz podia deixar “de ser um mero produto de atração «local», para passar a ser um autêntico «emblema» localizado, tomando a região numa espécie de «Alto Lugar de Memória do Arroz» à escala nacional, com ramificações internacionais, através de redes temáticas”<sup>42</sup>. A população da Herdade ganharia uma utilidade, deixando de ser “meramente espectadora passiva mas sim informante ativa e concetora/recetora privilegiada dos próprios conteúdos e das memórias convocadas”<sup>43</sup>. A nível

---

<sup>39</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em conversa informal, realizada no dia 30 de Março de 2017 pelas 10h.

<sup>40</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 319.

<sup>41</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 320.

<sup>42</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 325.

<sup>43</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 325.

económico a instalação do museu poderia “contribuir para que a comunidade não veja configurado o seu futuro como mera fornecedora de mão-de-obra barata para os serviços turísticos, mas tenha uma participação ativa, através de formação adequada consoante as gerações em presença, na definição e implementação da estratégia de desenvolvimento sustentado que lhe proporcionará novas e diversificadas oportunidades de emprego, que podem passar por microempresas de serviços”<sup>44</sup>.

Com a criação do Museu do Arroz na Herdade da Comporta, o arroz passaria a ser visto não apenas como o ingrediente utilizado na gastronomia, mas sim como o protagonista principal que permitiria conhecer a história da Herdade da Comporta, que teve a orizicultura como principal atividade. A população local mais antiga assumiria um papel importante neste museu como principal informante com a divulgação das suas memórias enquanto trabalhadores na Herdade da Comporta. Ana Duarte refere que recolha no terreno apresentava dificuldades em angariar os objetos associados ao cultivo, secagem e descasque do arroz por “estarem «mortos» para a população que os utilizara, dada a recente evolução tecnológica, que automatizou toda a produção, afastando-a da própria aldeia”<sup>45</sup>, sendo que se recorreu-se ao inventário participativo, tendo sido feitas cerca de quinze entrevistas num total de trinta horas a habitantes da Herdade da Comporta, de modo a extrair as memórias da sua atividade profissional e as condições de vida na Herdade. Ana Duarte refere que as memórias dos entrevistados recaem sobre a severidade do trabalho, os instrumentos de trabalho, a estratificação social e as festas e jogos no dia de S. João, que eram oferecidos pela administração<sup>46</sup>.

Em 2011, Ana Duarte volta a entrevistar antigos trabalhadores da *The Atlantic Company* de modo a reunir o espólio e a exposição permanente do Museu do Arroz. As

---

<sup>44</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a Programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 325.

<sup>45</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 325.

<sup>46</sup> Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, p. 328.



entrevistas realizadas originaram num filme realizado por Felipe Branco<sup>47</sup>, que reúne os depoimentos dos trabalhadores da Herdade da Comporta. Vidal, Veloso e Rosa defendem que o filme como fonte histórica “não dá um acesso direto a uma realidade histórica, mas sim a um conjunto de relações, confrontos e configurações que passaram a constituir a matéria-prima da investigação histórica”<sup>48</sup>. Os temas das conversas são muito semelhantes aos temas que anteriormente Ana Duarte fizera aquando da sua pesquisa sobre a pertinência da instalação de um Museu do Arroz na Comporta. Os entrevistados falam de como eram as condições de vida dos trabalhadores, os processos dos trabalhos nos campos de arroz e nas oficinas da Herdade. Os ranchos migratórios que vinham de todas regiões do país, e as festas realizadas são outros dos temas abordados nas entrevistas realizadas. Nestas entrevistas realizadas aos antigos trabalhadores da *The Atlantic Company* é possível observar sentimentos distintos dos entrevistados, por um lado, a dureza do trabalho e as dificuldades faz com que as memórias menos positivas fiquem em segundo plano, em detrimento às memórias mais agradáveis, que como por exemplo as atividades recreativas realizadas na Herdade da Comporta. Durante uma das entrevistas aos antigos trabalhadores nos campos de arroz é possível observar um aspeto contrastante da orizicultura na Herdade da Comporta, no momento em que os entrevistados relatavam os processos do cultivo do arroz que se praticava antigamente, uma avioneta sobrevoava os campos de arroz, contrastando o passado com o presente.

Para Shacker, Smith e Campbell, a herança das pessoas da classe trabalhadora foi significativamente negligenciada na pesquisa e na prática do património. Normalmente, os locais de trabalho são utilizados para evocar as inovações técnicas ou industriais, ficando pouco a dizer sobre as pessoas e as suas realizações<sup>49</sup>. No caso do Museu do Arroz, o contributo pessoal dos trabalhadores da antiga *The Atlantic Company* foi elemento essencial para a elaboração da história da Herdade da Comporta para apresentar no museu. Os

---

<sup>47</sup> Branco, Felipe (2011), “Museu do Arroz - Antigos Trabalhadores nos Campos de Arroz”, in <https://www.youtube.com/watch?v=9-6p3UALW60> visualizado a 10 de agosto de 2017 pelas 14h

<sup>48</sup> Vidal, Frédéric, Veloso, Luísa e Rosas, João (2016), “A Construção de um corpus de filmes sobre o trabalho”, in *O Trabalho no Ecrã. Memórias e Identidades Sociais através do Cinema*, Lisboa, Edições 70, pp. 23-41.

<sup>49</sup> Shackel, P, Smith, L and Campbell G. (2011), “Labour's heritage”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 17, no. 4, pp. 291-300.

depoimentos dos trabalhadores sobre o trabalho na cultura do arroz e dos instrumentos/ferramentas utilizadas permitiram reunir alguns desses objetos para o acervo do museu inaugurado em 2011. Jorge Casaleiro, o Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta e responsável pelo Museu do Arroz em entrevista refere que no planeamento no museu foi recolhida “diversa documentação sobre o desenvolvimento agrícola da região, desde documentos dos grupos económicos que foram proprietários da Herdade da Comporta, fotos e jornais da época. Sendo um museu industrial e com um grande foco na maquinaria, ferramentas, e instrumentos ligados à orizicultura, houve necessidade de inventariar detalhadamente as peças que constituem o espólio do Museu. Foram igualmente elaborados um conjunto de documentos visando a definição de procedimentos para a gestão e conservação das peças do espaço museológico”<sup>50</sup>. A ideia de preservar o conteúdo da antiga fábrica de descasque como símbolo do património industrial da Comporta é semelhante ao caso da cidade australiana Broken Hill. A cidade Broken Hill é uma cidade australiana fortemente ligada à indústria mineira. Segundo Shacker, Smith e Campbell, ao contrário das outras comunidades que estão dispostas a apagar o seu passado, a população de Broken Hill é inflexível em salvar a sua história, que apesar do declínio industrial e da mão-de-obra em Broken Hill, o património industrial continua a fazer parte da paisagem da cidade. A comunidade de Broken Hill decidiu preservar as estruturas da fábrica. Sendo que a cidade agora usa o seu património industrial como atração turística e no desenvolvimento de uma comunidade artística<sup>51</sup>.

Jorge Casaleiro refere que o Museu do Arroz da Herdade da Comporta foi projetado com o objetivo de “perpetuar a memória histórica de uma comunidade e região que teve como principal elemento etnográfico o arroz e dar a conhecer a todos aqueles que visitam a região como era a vida numa herdade agrícola do século passado, distante dos grandes centros urbanos”<sup>52</sup>. Segundo Shacker, Smith e Campbell, o Museu do Trabalho e Cultura de Woonsocket em Rhode Island é um exemplo de como um museu pode interpretar a história da

---

<sup>50</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de Maio de 2017 pelas 13h50.

<sup>51</sup> Shackel, P, Smith, L and Campbell G. (2011), “Labour's heritage”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 17, n.º 4, pp. 291-300.

<sup>52</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de Maio de 2017 pelas 13h50.

classe trabalhadora na perspectiva da classe operária. O museu está localizado em uma fábrica abandonada e interpreta a indústria têxtil do final do século XIX e início do século XX. À medida que os visitantes entram no museu, são guiados por histórias orais que acompanham as máquinas expostas. As histórias orais gravadas descrevem as condições de trabalho e a vivência numa comunidade da classe trabalhadora. O Museu do Trabalho e Cultura de Woonsocket expõe o desenvolvimento histórico do trabalho e da classe trabalhadora e mostra o impacto da industrialização no trabalho e no estilo de vida da comunidade<sup>53</sup>.

O Museu do Arroz é um local que evoca o passado da Herdade da Comporta e as memórias de quem viveu no período em que a região se desenvolveu com a orizicultura como principal impulsionador do crescimento económico, populacional e mais tarde turístico. Sendo que o Museu do Arroz reúne toda a história da Herdade da Comporta desde dos seus primórdios até aos dias de hoje, permitindo observar o desenvolvimento de uma herdade que era menosprezada pelos seus primeiros proprietários que a viam como uma zona incapaz de suportar uma cultura sustentável até aos dias de hoje que é uma herdade muito virada para a agricultura, com a orizicultura a figurar como a principal cultura da Herdade da Comporta. O Museu do Arroz tem como seu principal tema a produção do arroz, em que utiliza o ciclo de produção do arroz que funcionava na antiga fábrica de descasque, interligando com os outros assuntos da Herdade da Comporta como a vida dos trabalhadores na Herdade, o trabalho nos arrozais e os outros ofícios. O visitante quando entra no Museu do Arroz segue por uma ordem numérica que reedita o ciclo que o arroz fazia desde da saída dos arrozais até ao seu ensacamento e transporte. É possível observar como a fábrica funcionava na altura com todas as máquinas que limpavam, descascavam, branqueavam e ensacavam o arroz. A fábrica de descasque de arroz tinha uma particularidade, era uma fábrica autossuficiente, sendo que a casca do arroz era utilizada como combustível das máquinas em vez do habitual carvão. O museu apresenta ainda as ferramentas utilizadas nas oficinas da Herdade que tinha como função a manutenção dos utensílios existentes na Herdade, estão expostos objetos de carpintaria, serralharia, entre outras ferramentas. O museu conta também com os depoimentos dos antigos trabalhadores da Herdade da Comporta na segunda metade do século XX, que são um fundamental contributo que permite ter uma perspectiva pessoal sobre a história da

---

<sup>53</sup> Shackel, P, Smith, L and Campbell G. (2011), "Labour's heritage", *International Journal of Heritage Studies*, vol. 17, no. 4, pp. 291-300.

Herdade, relatando como era o trabalho na Comporta e as condições e o modo de vida vivido naquela época.

**Figura 3.1 - Museu do Arroz**



Fonte: Foto de Rafael Ferreira

Segundo Jorge Casaleiro, o Museu do Arroz veio “diversificar a oferta turística relativamente ao produto sol e mar, e proporcionou igualmente uma grande exposição junto dos meios de comunicação”<sup>54</sup>. Desde da sua inauguração a 30 de junho de 2011, o Museu do Arroz conta com mais de 18 000 visitas, incluindo a população da Herdade da Comporta, sendo que quando visitaram o museu “demonstram um sentimento de orgulho e reconhecimento pelo contributo que deram a esta região”<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de Maio de 2017 pelas 13h50.

<sup>55</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de Maio de 2017 pelas 13h50.

Atualmente, o Museu encontra-se encerrado ao público por motivos financeiros. Porém, apesar de se encontrar fechado é impossível não considerar que o Museu do Arroz é um elemento importante para conhecer e compreender a história da Herdade da Comporta.

### **3.2. A Reserva Natural do Estuário do Sado**

A Herdade da Comporta situa-se no distrito de Setúbal, uma região com uma imensa biodiversidade, desde da comunidade de golfinhos roazes instalada entre Tróia e Setúbal, do grande número de espécies de aves e da longa extensão dos arrozais desde Alcácer do Sal até à Herdade da Comporta.

A Herdade da Comporta ao longos dos seus hectares apresenta uma grande diversidade de espécies animais e vegetais, sendo um local de reprodução e conservação de várias espécies, exemplo da cegonha, que embora seja uma ave migratória passa grande parte do ano nesta região. Estando localizada entre o oceano atlântico e o rio Sado, a Herdade da Comporta encontra-se inserida na Reserva Natural do Estuário do Sado. A Reserva Natural do Estuário do Sado foi criada a 1 de outubro de 1980 pelo Decreto-Lei nº430/80<sup>56</sup> essencialmente com o objetivo de preservar a paisagem natural do estuário, defender os valores de ordem cultural e científica e preservar o recreio ao ar livre. Com dimensão total de 23.160 hectares que abrangem áreas nos concelhos de Setúbal, Palmela, Alcácer do Sal e Grândola, a origem do nome da Reserva Natural do Estuário do Sado surge do rio Sado que na área da Reserva conta cerca de 28 km de extensão, sendo a Península de Tróia (foz do Sado) a ligação entre as águas do rio e as águas do oceano atlântico.

O estuário do Sado, formado há cerca de 5000 anos junto à Península de Tróia, é considerado o segundo maior estuário em Portugal e um dos maiores da Europa. Os estuários são locais de origem natural com grande importância pela elevada produtividade primária que evidenciam, pela diversidade de habitat que neles englobam, a riqueza de fauna e flora que detém, por serem locais de reprodução e «viveiro» para muitas espécies, fazendo a ligação entre as águas do rio e as águas do oceano. Cameron e Pritchard definem o estuário como uma

---

<sup>56</sup> Decreto-Lei nº. 430/80 de 01 de outubro do Diário da República - I Série - Nº. 227 - 01 de outubro de 1980

porção de água costeira, parcialmente rodeada de terra com ligação livre para o mar e onde a água do mar é diluída por água doce proveniente do escoamento de origem terrestre<sup>57</sup>.

Em território português, estuário do Sado detém a única comunidade residente de golfinhos, o roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*). Os roazes do Sado, como são apelidados, residem no interior do estuário do Sado onde se alimentam e reproduzem, aparecem ao largo de Setúbal e Tróia, sendo um elemento turístico do estuário do Sado. A zona estuarina do Sado é o "viveiro" ou a zona de desova e crescimento para algumas espécies de peixes e moluscos, despertando o interesse comercial nas espécies. A aquacultura praticada na Reserva Natural do Estuário do Sado rege-se pelos mesmos valores da orizicultura, que enquanto atividade económica, deve ser compatível com a preservação do património natural.

**Figura 3.2 - Mapa da Reserva Natural do Estuário do Sado**



Fonte: ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

<sup>57</sup> Cameron, W. M. and Pritchard, D. W. (1963) "Estuaries". in *The Sea* (M. N. Hill - editor) vol. 2, John Wiley and Sons, New York, pp. 306–324.

Por toda a Reserva encontra-se dois grandes tipos de ocupação vegetal - Florestal e Agrícola - existindo, porém, espaços menores com outras ocupações, tais como a vegetação natural ou terrenos incultos. Na área florestal, destaca-se o pinheiro (bravo e manso) e o sobreiro. Já a orizicultura é a cultura dominante na área utilizada para a agricultura na reserva, existindo arrozais nas duas margens do Sado. Os arrozais existentes por toda a Reserva Natural do Estuário do Sado são locais protegidos, porque albergam várias espécies animais (aves e anfíbios) do estuário, além de suportarem a cultura mais importante da região.

### **3.3. O desenvolvimento turístico**

Portugal tem sido eleito por várias entidades internacionais como um dos melhores locais para fazer turismo. Portugal apresenta qualidades que atraem turistas de todo lado. Os monumentos históricos, as praias ou a gastronomia são alguns dos elementos pertencentes ao vasto património que Portugal apresenta pode ser a explicação para que o turismo tenha crescido no território português. A Herdade da Comporta também acompanhou o crescimento do turismo em Portugal, utilizando também o seu património, e é atualmente um dos locais portugueses que recebe mais turistas. O turismo na Herdade da Comporta iniciou-se no fim da década de 80 do século XX, caracterizando-se por um turismo balnear feito na Praia da Comporta. O desenvolvimento do turismo na Herdade é influenciado pela Família Espírito Santo, que na altura detinha apenas a parte habitacional da Herdade e vinha em período de férias e fins-de-semana. Já em finais da década de 90, o turismo rural junta-se ao turismo balnear na Herdade da Comporta, prestando serviços de hospedagem e alimentação aos visitantes da Herdade. Sendo que a Herdade da Comporta ganha também notoriedade graças às urbanizações turísticas e residenciais construídas nos anos 90 na Península de Tróia, nomeadamente na Soltroia e Tróia. Com o objetivo de um turismo balnear, nos primeiros anos de 2000 as praias da Herdade da Comporta (Praia da Comporta, Carvalhal e Pêgo) são reabilitadas, extinguindo-se a atividade piscatória nas praias. Sendo que a partir dessa altura que o turismo na Comporta cresceu significativamente, levando a administração da Herdade da Comporta tomar algumas medidas em relação ao turismo emergente na região.

Em 2006, a Herdade da Comporta SA apresentava o “Programa Global de Desenvolvimento Sustentável” que pretendia implementar na Herdade da Comporta um projeto turístico sustentável baseado no modelo de turismo sustentável, elaborado pela Organização Mundial do Turismo, utilizando os recursos ambientais, “enquanto elemento-chave do desenvolvimento turístico, preservando os processos ecológicos essenciais e ajudando a conservar os recursos naturais e a biodiversidade”<sup>58</sup>, respeitando a identidade cultural com a “conservação da herança cultural e arquitetónica e os seus valores tradicionais, e a contribuição para a tolerância e para uma relação intercultural”<sup>59</sup> e assegurando as “operações económicas viáveis a longo prazo, proporcionando benefícios sócioeconómicos equitativamente distribuídos para todas as partes interessadas, incluindo emprego estável, oportunidades de criação de rendimento e serviços sociais para as comunidades hospedeiras, contribuindo para reduzir a pobreza”<sup>60</sup>.

De modo a fortalecer a identidade cultural e etnográfica da região, o projeto pretendia desenvolver a recuperação de algumas artes e técnicas tradicionais, a recuperação e manutenção dos eventos festivos, aumentar o número de estruturas em colmo e da valorização do seu uso, preservar as embarcações e da promoção do seu uso e ainda promover atividades de índole cultural no já recuperado Museu do Arroz. Pretendia-se desenvolver atividade turística da região com especial atenção ao património cultural da Herdade da Comporta, que define a identidade da mesma com a exaltação da história da Herdade e das vivências da sua comunidade.

Donizete Rodrigues define o património cultural como um “conjunto de bens, materiais e imateriais, que são considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo”<sup>61</sup>, sendo que na Herdade da Comporta a história do arroz e a atividade balnear foram uns dos elementos preponderantes no desenvolvimento turístico da

---

<sup>58</sup> Herdade da Comporta (2006), "Herdade da Comporta - Documentos de Sustentabilidade", Herdade da Comporta, p. 15.

<sup>59</sup> Herdade da Comporta (2006), "Herdade da Comporta - Documentos de Sustentabilidade", Herdade da Comporta, p. 15.

<sup>60</sup> Herdade da Comporta (2006), "Herdade da Comporta - Documentos de Sustentabilidade", Herdade da Comporta, p. 15.

<sup>61</sup> Rodrigues, Donizete (2012), “Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica” - *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, (Online), p. 4.



região. Com a desativação da indústria do arroz na Herdade da Comporta em finais da década de 90, apenas o cultivo do arroz permanecera na região com os longos hectares de arrozais em volta da Herdade. No início do século XXI, o crescimento da atividade balnear na Herdade da Comporta permitiu também desenvolver o turismo rural na região com serviços de alojamento e restauração a ganhar destaque. Estes acontecimentos foram um estímulo para o desenvolvimento turístico que atualmente a Herdade da Comporta detém, o crescimento de turistas na região levou à criação de novos estabelecimentos prestadores de serviços (restauração e alojamento) e à modernização dos estabelecimentos já existentes. O turismo na Herdade da Comporta beneficiou também por a Herdade se localizar próxima da Península de Tróia que desenvolvera e transformara Tróia num *resort* de luxo, permitindo os visitantes de Tróia descobrir as imediações, neste caso a região da Comporta.

A grande crise económica de 2008 que afetou todo o mundo, e que levou Portugal por consequência a pedir ajuda financeira em 2011, estagnou o desenvolvimento económico em Portugal e também na Herdade da Comporta. Com este duro golpe na economia nacional, o turismo foi um dos recursos usados para a recuperação de Portugal. Num artigo publicado pela revista *Visão* é referido que o turismo é uma das razões para acreditar na economia portuguesa, sendo que “(...) há centenas de prédios reabilitados e milhares de empregos criados. Portugal tem muito para oferecer na hotelaria, na arquitetura, na moda, no design, na gastronomia, na cultura. Nós, portugueses, sabemos-lo, e agora os estrangeiros também, à medida que cidades como Lisboa e Porto acumulam distinções de *"best destination of..."*. Haverá poucas coisas no mundo a crescer tanto como o turismo em Portugal. A receita aumentou 10,7% em 2016, para 12 680 milhões de euros, e o setor vale já 7% do PIB nacional (...)”<sup>62</sup>. Aliando a todas a estas razões aqui descritas para o crescimento do turismo, outras das razões que podem explicar este fenómeno são a segurança e as vantagens fiscais que Portugal oferece a cidadãos estrangeiros, numa lei aprovada em 2009 em que contempla benefícios fiscais num período de 10 anos a quem solicite residência fiscal em Portugal<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Correia, Alexandra, Teixeira, Clara e Santos, Paulo M. (2017), “10 razões para acreditar na economia”, Revista *Visão* in <http://visao.sapo.pt/actualidade/economia/2017-04-10-10-razoes-para-acreditar-na-economia> visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 21h00

<sup>63</sup> Lima, Carlos Rodrigues (2017), “Segurança e benefícios fiscais atraem mais estrangeiros”, Jornal *Diário de Notícias* in <https://www.dn.pt/sociedade/interior/seguranca-e-beneficios-fiscais-atraem-mais-estrangeiros-8657949.html> visualizado a 25 de julho de 2017 pelas 04h00

Portugal soube-se “reinventar” ao aproveitar o turismo como fonte de receitas e impulsionador no crescimento do setor imobiliário nacional. Na Herdade da Comporta a situação não foi diferente, e o turismo ganhou novamente importância na região. O setor imobiliário também cresceu na Herdade da Comporta, com a venda de casas ou terrenos para a construção habitacional. A administração da Herdade da Comporta que apenas comercializa os lotes de terreno, contabilizou na venda de terrenos feita em 2016 cerca de 70 por cento das vendas do ano passado foram feitas a estrangeiros. Desses 70 por cento, 26 por cento dos compradores são de nacionalidade francesa<sup>64</sup>. Na Herdade da Comporta o turismo já não se faz apenas durante o verão. Mesmo em época baixa, o francês e outras línguas ouvem-se cada vez mais pelas ruas da herdade<sup>65</sup>.

De modo a atrair mais turistas e/ou potenciais investidores para a Herdade da Comporta, houve a intenção de preservar o património cultural da região de modo a não perder a sua identidade e também apresentar a história da Herdade da Comporta aos seus visitantes. Sendo que com o turismo emergente na região era necessário preservar o património da Herdade.

Como já foi referido anteriormente, após o fim da atividade industrial na Comporta com a desativação da fábrica de descasque de arroz, existiu a intenção de implementar uma instituição museológica nas instalações da antiga fábrica. Só que primeiramente fora criado um restaurante em parte das instalações da fábrica. A atividade económica da Herdade da Comporta sempre foi valorizada pela atual administração, que quando em 2002 decidiu implementar a cultura vinícola na Herdade, requalificou as antigas oficinas da *The Atlantic Company*, convertendo-as na Adega da Herdade da Comporta e nos seus armazéns. Houve ainda espaço nas antigas oficinas para instalar os novos escritórios da administração da Herdade, o arquivo, a Fundação da Herdade da Comporta e um *showroom*. A requalificação dos antigos edifícios da *The Atlantic Company* prolongou-se para aproveitamentos dos espaços para a atividade turística e cultural. O antigo cinema, que outrora era a distração dos trabalhadores da Herdade, foi convertido recentemente na Casa da Cultura da Comporta, um

---

<sup>64</sup> Henriques, Filipa Marques (2017), “Franceses procuram a Comporta para viver”, RTP Noticias in [https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver\\_n1022758](https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver_n1022758) visualizado a 24 de agosto de 2017 pelas 18h00

<sup>65</sup> Henriques, Filipa Marques (2017), “Franceses procuram a Comporta para viver”, RTP Noticias in [https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver\\_n1022758](https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver_n1022758) visualizado a 24 de agosto de 2017 pelas 18h00

espaço que tem recebido exposições de arte e outras atividades culturais. As antigas cavalariças da Comporta foram convertidas num restaurante que abre apenas na época sazonal, num *atelier*/loja de artesanato, numa loja de decoração e acolhe ainda numa empresa ligada ao ramo imobiliário. O edifício da padaria da Comporta foi convertido num pequeno bar e em duas lojas de vestuário e decoração. O mesmo aconteceu com os antigos escritórios da *The Atlantic Company*, que foram transformados em três lojas de vestuário e decoração.

**Figura 3.3 - Antigos edifícios requalificados**



Fonte: Foto de Rafael Ferreira

Apesar de todos estes edifícios já não desempenharem a sua função original, houve a preocupação durante a sua requalificação em manter as suas características originais, sendo possível ver alguns edifícios com as inscrições da *The Atlantic Company*. Mas não foram apenas os edifícios construídos aquando a implementação da orizicultura que são utilizados em atividades culturais ou turísticas. Apesar de a partir do século XX ter sido descontinuada a indústria do arroz e mantendo-se apenas o cultivo do arroz nos arrozais, estes mesmos arrozais são uma imagem cultural da Herdade da Comporta. Quem visita a Herdade não resiste a captar uma imagem dos arrozais esverdeados que rodeiam toda a região. Esse interesse dos visitantes pelos espaços verdes da Herdade da Comporta levou a empresa “Cavalos na Areia” a disponibilizar passeios a cavalo pelas áreas naturais que a Herdade dispõe, como os arrozais e as praias desertas. Esta disponibilização de passeios a cavalo pelos

espaços naturais da Comporta são a aliança entre o património da Herdade e o turismo da região.

As características da Herdade da Comporta não atraem apenas estrangeiros desconhecidos. As celebridades internacionais têm escolhido Portugal para comprar casa, e a Comporta não é exceção contando com Christian Louboutin, Philippe Starck e Anselm Kiefer entre as personalidades que elegeram o Alentejo para residir. A cantora Madonna é outra das celebridades que elegeu Portugal para residir, tendo já passado pela Comporta e conheceu as características da região, passeando a cavalo pelos areais das praias e meditando com vista para os campos de arroz<sup>66</sup>. Já a ligação de Christian Louboutin com Portugal é diferente. Louboutin é um confesso admirador das características de Portugal, tendo adquirido a habitações em Lisboa e no Alentejo, nos arredores da Herdade da Comporta. O designer francês em 2013 celebrou a sua ligação com esta região alentejana ao escolher o Cais Palafítico da Carrasqueira como cenário da sua sessão fotográfica para a coleção primavera/verão desse ano<sup>67</sup>. Anselm Kiefer, outro admirador da Comporta, que tem casa na Herdade da Comporta, em 2009 pretendia transferir toda a sua produção cultural localizada em França para a Comporta. A “Floresta Cultural” seria uma propriedade de 600 hectares em que a área de construção só abrangeria 1,5 hectares. Kiefer pretendia instalar os seus *ateliers* de pintura e escultura, e posteriormente expor as obras na “Floresta Cultural”. O projeto cultural acabou por não avançar por divergências com o Grupo Espírito Santo e a Câmara Municipal de Alcácer do Sal e Kiefer manteve apenas a sua habitação na Herdade da Comporta.

Com o conhecimento do crescente interesse das celebridades internacionais na aquisição de habitações em Portugal, tem crescido o número de artigos de meios de comunicação internacionais mais conceituados sobre a Herdade da Comporta.

Baz Dreisingner (Jornal *The New York Times*) no seu artigo inclui a Comporta nos 52 locais a visitar em 2017, descrevendo-a como uma aldeia de pescadores situada numa reserva natural protegida. Refere que a Comporta se distingue por manter as suas características

---

<sup>66</sup> Correio da Manhã (2017), “Madonna volta à Comporta”, Correio da Manhã in [http://www.vidas.pt/a\\_ferver/detalhe/madonna\\_volta\\_a\\_comporta.html](http://www.vidas.pt/a_ferver/detalhe/madonna_volta_a_comporta.html) visualizado a 23 de agosto de 2017 pelas 23h

<sup>67</sup> Marques, Ana Cristina (2014), “Christian Louboutin procura inspiração na Comporta”, Jornal online *Observador* in <http://observador.pt/2014/08/25/christian-louboutin-um-estilista-frances-de-ferias-na-comporta/> visualizado a 23 de agosto de 2017 pelas 22h30

tradicionais contrastando com o Algarve, que apresenta uma vida citadina com muitos turistas e grandes hotéis:

“The Algarve may be chockablock with tourists and grand hotels, but hippie-chic Comporta, a protected nature reserve and former fisherman’s village in the Alentejo region, is deliberately underdeveloped and teeming with creative European A-listers”<sup>68</sup>

Bertrand de Saint Vincent (Jornal *Le Figaro*) recomenda a Comporta a quem é apaixonado pela simplicidade e beleza crua. Apresenta-a como um refúgio esquecido que dá a sensação de estar no fim do mundo, quem a visita é conduzido pelo gosto pela descoberta, pela sede de um retorno à natureza e o velho sonho de Robinson Crusoe que assombra a sociedades citadinas movimentadas e barulhentas:

“Ce petit paradis attire une clientèle exigeante éprise de simplicité et de beauté brute. La bonne idée : s'y rendre en arrière-saison. (...) C’est la nouvelle destination des happy few. Un refuge oublié qui donne le sentiment d’être au bout du monde. Bordant l’Atlantique, à moins de 100 km au sud de Lisbonne, la péninsule de Comporta s’éveille d’un long sommeil. (...) Ici et là, portés par le goût de la découverte, la soif d’un retour à la nature et ce vieux rêve de Robinson Crusoe qui hante nos sociétés gavées de bruit et de laideur, quelques privilégiés sont venus chercher refuge dans une cabane le long des rizières”<sup>69</sup>

Ann Abel (Revista *Forbes*) apresenta a Comporta como um conjunto de aldeias costeiras a cerca de uma hora de carro de Lisboa. Compara-a com os *The Hamptons*<sup>70</sup>, referindo que a Comporta é uma fuga de fim de semana privilegiada da elite de Lisboa, bem como de algumas personalidades internacionais conhecidas:

---

<sup>68</sup> Dreisinger, Baz (2017), “25. Comporta, Portugal - The anti-Algarve, an hour from Lisbon”, Jornal *The New York Times* in <https://www.nytimes.com/interactive/2017/travel/places-to-visit.html?smid=fb-nyttravel&smtyp=cur&place=comporta> visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 23h00

<sup>69</sup> Saint Vincent, Bertrand de (2016), “L’été indien à Comporta au Portugal”, Jornal *Le Figaro* in <http://www.lefigaro.fr/voyages/2016/09/21/30003-20160921ARTFIG00049-l-ete-indien-a-comporta-au-portugal.php> visualizado a 21 de agosto de 2017 pelas 02h00

<sup>70</sup> *The Hamptons* são um conjunto de vilas de luxo, localizadas no estado de Nova Iorque. Caracteriza-se por ser o local de eleição de celebridades, tendo como atrativo na sua longa costa praias de qualidade.

“The next of these places is Comporta, a cluster of coastal Portuguese villages about an hour’s drive from Lisbon. “The Hamptons of wherever” has long been lazy shorthand, but Comporta is a favored weekend getaway from Lisbon’s elite, as well as other in-the-know Europeans”<sup>71</sup>

Este crescente número de artigos de meios de comunicação internacionais sobre a Herdade da Comporta demonstra a importância do património cultural da região. A Herdade estando inserida numa reserva protegida que se compromete a manter a paisagem natural e as características originais, permite à Herdade da Comporta manter a sua essência selvagem e rústica. Sendo essas características selvagens e rústicas que têm despertado o interesse dos turistas, que cada vez tentam se libertar da vida citadina em detrimento de uma escolha de estilo de vida rural. É visível o aumento da procura da Herdade da Comporta como destino de férias ou mesmo para estabelecimento permanente, tendo as redes sociais e a comunicação social influenciado nessa divulgação da região.

As praias, a floresta, os arrozais e o Cais Palafítico da Carrasqueira são alguns dos exemplos de que o património da Herdade da Comporta impulsionou o turismo da região, conseguindo manter as suas características tradicionais. Apesar de a Herdade da Comporta ser eleita como um dos melhores destinos turísticos e sendo comparada com os *The Hamptons*, a sua ascensão meteórica está longe de ser consensual para todos. A Herdade da Comporta é definida como uma terra de contrastes, em que a Herdade é eleita por muitos famosos para passar férias. O luxo dos hotéis e restaurantes crescem ao lado da “tradicionalidade” de quem vive em cabanas, sem água e sem luz.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Abel, Ann (2017), “The Next Great Beach Destination: Comporta in Portugal”, Revista *Forbes* in <https://www.forbes.com/sites/annabel/2017/06/05/the-next-great-beach-destination-comporta-in-portugal/#5a6691124f26> visualizado a 22 de agosto de 2017 pelas 22h00

<sup>72</sup> RTP (2017), “Comporta, uma terra de contrastes”, RTP Noticias in [https://www.rtp.pt/noticias/pais/comporta-uma-terra-de-contrastes\\_v1016420](https://www.rtp.pt/noticias/pais/comporta-uma-terra-de-contrastes_v1016420) visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 21h30



## CONCLUSÃO

Em conclusão, as questões de partida levantadas para a elaboração deste trabalho de investigação serão respondidas após o tratamento da informação sobre a temática. Começando pela questão da importância que teve a orizicultura na Herdade da Comporta? A partir de 1925 quando a *The Atlantic Company* adquire a Herdade e implementa a orizicultura, esta atividade agrícola passou a ser essencial na afirmação da Herdade da Comporta como uma região ideal para a prática da agricultura. Com a implementação de novas técnicas e a construção de infraestruturas, a Herdade da Comporta estava na vanguarda da orizicultura em Portugal, levando o jornal *O Setubalense* no dia 4 de agosto de 1934 a publicar uma reportagem sobre a Herdade da Comporta em que a descreve como “uma das primeiras senão a primeira organização orizícola do Paiz”<sup>73</sup>. A orizicultura permitiu ainda povoar a Herdade da Comporta com a contratação de mão-de-obra para trabalhar no cultivo no arroz, vindo ranchos migratórios de várias zonas do país. A introdução da orizicultura na Herdade da Comporta foi importante no sentido em que permitiu povoar aqueles terrenos que contava anteriormente apenas com pequenas comunidades piscatórias.

De que maneira a orizicultura se tornou num elemento identitário da Herdade da Comporta? Após a orizicultura se estabelecer na Herdade da Comporta, as administrações da *The Atlantic Company* (1925-1955) e o Grupo Espírito Santo (1958 - 1974 e 1992 - atualidade) procederam a melhoramentos nos terrenos agrícolas e alargaram a dimensão dos arrozais de modo obter um maior número de arroz produzido. Essa atividade levou à contratação de mais pessoal para a atividade agrícola, sendo que maioria das pessoas que vinham trabalhar temporariamente no cultivo do arroz acabavam por se fixar em definitivo na Herdade. Foram ainda construídas grandes infraestruturas para o cultivo e produção de arroz que atualmente ainda estão presentes na Herdade da Comporta. No desenvolvendo do turismo da Herdade, o arroz na Comporta tornou-se num elemento habitual na gastronomia local, atraindo muitas pessoas à região devido às receitas que incluíam o arroz.

Que impactos teve a instalação do Museu do Arroz na Comporta? Com a desativação da fábrica de descasque da Comporta em 1995, surgiu a ideia três anos mais tarde, em 1998,

---

<sup>73</sup> “Um Homem”, *O Setubalense*, 4 de agosto de 1934



de transformar o edifício da fábrica num museu sobre a história da Herdade da Comporta. O Museu do Arroz foi inaugurado em 2011 e Jorge Casaleiro (Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta e responsável pelo Museu do Arroz) refere que o objetivo do museu é de “perpetuar a memória histórica de uma comunidade e região que teve como principal elemento etnográfico o arroz”<sup>74</sup>. Atualmente o Museu do Arroz encontra-se encerrado, mas Jorge Casaleiro afirma que o museu veio “diversificar a oferta turística relativamente ao produto sol e mar, e proporcionou igualmente uma grande exposição junto dos meios de comunicação”<sup>75</sup>. Contando com mais de 18 000 visitas desde da sua abertura a 30 de junho de 2011, incluindo a população da Herdade da Comporta, Jorge Casaleiro refere que quando os habitantes da Herdade visitaram o museu “demonstram um sentimento de orgulho e reconhecimento pelo contributo que deram a esta região”<sup>76</sup>.

De que maneira o património da Herdade da Comporta contribuiu para o crescimento do turismo na região? Com a desativação da atividade industrial na Herdade da Comporta, apenas permaneceu o cultivo do arroz na região. O turismo na Comporta desenvolveu-se dada a proximidade da Herdade com as praias e da Península de Tróia. No início da década de 2010, o turismo habitacional na Herdade da Comporta desenvolve-se e as antigas infraestruturas usadas anteriormente na orizicultura são reconvertidas em restaurantes e lojas de decoração e vestuário.

Que tipo de relação existe entre o património da Herdade da Comporta com o turismo? Atualmente a Herdade da Comporta é um local que recebe muitos turistas na época do verão, sendo que as praias da região são a principal atração turística da Herdade. Com crescimento da atividade turística da Herdade houve a necessidade de conservar o património construído ao longo dos anos. Estas ações não foram realizadas apenas com intuito de preservar a história da Herdade da Comporta, mas sim também com o objetivo de utilizar o seu património no desenvolvimento turístico da Herdade.

---

<sup>74</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de maio de 2017 pelas 13h50.

<sup>75</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de maio de 2017 pelas 13h50.

<sup>76</sup> Informação referida por Jorge Casaleiro em entrevista, realizada no dia 16 de maio de 2017 pelas 13h50.

As novas funções atribuídas a estes edifícios conciliam a história da Herdade com a atividade turística da região, o que torna numa relação de complementação entre o património da Herdade e o turismo da região. Apesar de a atividade agrícola na Herdade da Comporta atualmente não possuir a mesma importância que possuía no século XX, a verdade é que a sua presença na Herdade da Comporta é essencial para compreender a história da região e o desenvolvimento turístico da mesma.



## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **1. Fontes**

#### **1.1. Fontes de Arquivo**

Arquivo da Herdade da Comporta

Arquivo do Museu do Arroz

#### **1.2. Fontes Orais**

Conversa informal com Jorge Casaleiro, Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta, realizada no dia 30 de março de 2017 pelas 10h

Entrevista a Jorge Casaleiro, Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta, realizada no dia 16 de maio de 2017 pelas 13h50

#### **1.3. Outras Fontes**

Decretos-Lei

Decreto-Lei nº. 430/80 de 01 de outubro do Diário da República - I Série - Nº. 227 - 01 de outubro de 1980

Publicações periódicas

“Um Homem”, Jornal *O Setubalense*, Setúbal, 4 de agosto de 1934

Webgrafia

Abel, Ann (2017), “The Next Great Beach Destination: Comporta in Portugal”, Revista *Forbes* in <https://www.forbes.com/sites/annabel/2017/06/05/the-next-great-beach-destination-comporta-in-portugal/#5a6691124f26> visualizado a 22 de agosto de 2017 pelas 22h00

Branco, Felipe (2011), “Museu do Arroz - Antigos Trabalhadores nos Campos de Arroz”, in <https://www.youtube.com/watch?v=9-6p3UALW60> visualizado a 10 de agosto de 2017 pelas 14h

Correia, Alexandra, Teixeira, Clara e Santos, Paulo M. (2017), “10 razões para acreditar na economia”, Revista *Visão* in <http://visao.sapo.pt/actualidade/economia/2017-04-10-10-razoes-para-acreditar-na-economia> visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 21h00

Correio da Manhã (2017), “Madonna volta à Comporta”, Correio da Manhã in [http://www.vidas.pt/a\\_ferver/detalhe/madonna\\_volta\\_a\\_comporta.html](http://www.vidas.pt/a_ferver/detalhe/madonna_volta_a_comporta.html) visualizado a 23 de agosto de 2017 pelas 23h

Dreisinger, Baz (2017), “25. Comporta, Portugal - The anti-Algarve, an hour from Lisbon”, Jornal *The New York Times* in <https://www.nytimes.com/interactive/2017/travel/places-to-visit.html?smid=fb-nytravel&smtyp=cur&place=comporta> visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 23h00

Henriques, Filipa Marques (2017), “Franceses procuram a Comporta para viver”, RTP Noticias in [https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver\\_n1022758](https://www.rtp.pt/noticias/pais/franceses-procuram-a-comporta-para-viver_n1022758) visualizado a 24 de agosto de 2017 pelas 18h00

Henriques, Graça (2017), “Comporta. Esta é a terra (e a vida) deles”, Jornal *Diário de Notícias* in <https://www.dn.pt/sociedade/interior/comporta-esta-e-a-terra-e-a-vida-deles-8700655.html> visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 21h30

ICOM - Portugal (2015), “Definição de Museu”, in <http://icom-portugal.org/recursos/definicoes/> visualizado a 10 de setembro de 2017 pelas 08h

Lima, Carlos Rodrigues (2017), “Segurança e benefícios fiscais atraem mais estrangeiros”, Jornal *Diário de Notícias* in <https://www.dn.pt/sociedade/interior/seguranca-e-beneficios-fiscais-atraem-mais-estrangeiros-8657949.html> visualizado a 25 de julho de 2017 pelas 04h00

Marques, Ana Cristina (2014), “Christian Louboutin procura inspiração na Comporta”, Jornal online *Observador* in <http://observador.pt/2014/08/25/christian-louboutin-um-estilista-frances-de-ferias-na-comporta/> visualizado a 23 de agosto de 2017 pelas 22h30

Marques, Nelson (2016), “Christian Louboutin: ‘Sinto-me cada vez mais confortável em Portugal’”, Seminário *Expresso* in <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-08-14-Christian->

Louboutin-Sinto-me-cada-vez-mais-confortavel-em-Portugal visualizado a 22 de agosto de 2017 pelas 07h00

RTP (2017), “Comporta, uma terra de contrastes”, RTP Noticias in [https://www.rtp.pt/noticias/pais/comporta-uma-terra-de-contrastes\\_v1016420](https://www.rtp.pt/noticias/pais/comporta-uma-terra-de-contrastes_v1016420) visualizado a 20 de agosto de 2017 pelas 21h30

Saint Vincent, Bertrand de (2016), “L'été indien à Comporta au Portugal”, Jornal *Le Figaro* in <http://www.lefigaro.fr/voyages/2016/09/21/30003-20160921ARTFIG00049-l-ete-indien-a-comporta-au-portugal.php> visualizado a 21 de agosto de 2017 pelas 02h00

## **2. Bibliografia**

Bento, António V. (2012), “Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas”. *Revista JA* (Associação Académica da Universidade da Madeira), (Online), nº 65, ano VII, in <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>

Baptista, Fernando Oliveira (1996), “Declínio de um tempo longo”, in *O Voo do Arado*, Lisboa, pp. 35-75.

Cameron, W. M. and Pritchard, D. W. (1963) “Estuaries”. in *The Sea* (M. N. Hill - editor) vol. 2, John Wiley and Sons, New York, pp. 306–324.

Costa, Carlos (2005), “Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000)”, *Análise Social*, (Online), nº.175, pp.279-295, in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218709742I5qVD0ui9Ge36UU7.pdf>

Duarte, Ana (2006), “Memórias do Arroz: Contributos para a programação de um museu na Comporta”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 18, Lisboa, Edições Colibri, pp. 319-342.

Herdade da Comporta (2006), "Herdade da Comporta - Documentos de Sustentabilidade" in <http://www.herdadedacomporta.pt/fotos/editor2/sustentabilidade.pdf> visualizado a 10 de julho de 2017 pelas 10h

Mathieson, A. and Wall, G. (1982), “Tourism: Economic, Physical and Social Impacts”, Harlow, Longman.

Rodrigues, Donizete (2012), “Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica” - *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior* (Online), in <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>

Seixas, Miguel Metelo de (1999), *Herdade da Comporta - Memória Histórica*, Comporta, The Atlantic Company Limited.

Shackel, P, Smith, L and Campbell G. (2011), “Labour's heritage”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 17, n.º 4, pp. 291-300.

Silva, Manuel Vianna e (1969), *Arroz*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Smith, L, Hou, S e Xie, J (2014), “Reflection and Reconstruction: Rethinking Heritage and Museums: an interview with Prof. Laurajane Smith”, *Southeast Culture*, vol. 2, n.º 238, pp. 11-16.

Vidal, Frédéric, Veloso, Luísa e Rosas, João (2016), “A Construção de um corpus de filmes sobre o trabalho”, in *O Trabalho no Ecrã. Memórias e Identidades Sociais através do Cinema*, Lisboa, Edições 70, pp. 23-41.

Vidal, Frédéric (2014), “Turismo” in *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, Lisboa, Assembleia da República, volume III, pp. 1014-1017.

## **ANEXOS**

### **Anexo A - Guião da entrevista a Jorge Casaleiro**

#### **Entrevista a Jorge Casaleiro**

(Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta)

Hora:

Data:

Duração:

Local:

Esta entrevista é realizada no âmbito da elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura no ISCTE-IUL.

Cujo o tema é relacionado com a Herdade da Comporta gostaria de lhe colocar umas questões sobre o tema.

Antes de prosseguirmos, quero desde já agradecer sua a disponibilidade para a entrevista.

---

### **Grupo I**

#### ***Perfil do entrevistado (percurso académico e profissional)***

- 1. Como tem sido o seu percurso académico/profissional?**
- 2. Há quanto tempo trabalha na Herdade da Comporta?**
- 3. Que cargos têm desempenhado na Herdade da Comporta?**



## **Grupo II**

### *Museu do Arroz*

- 4. Como surgiu a ideia da criação de um Museu na Comporta?**
- 5. Qual era os objetivos e que tipos de dificuldades encontrou o projeto?**
- 6. Como foi tratada a documentação para o Museu?**
- 7. Que temas se podem encontrar tratados no Museu do Arroz?**
- 8. Em que data foi inaugurado o Museu do Arroz?**
- 9. Qual o número de visitantes do Museu desde da sua abertura?**

## **Grupo III**

### *Herdade da Comporta*

- 10. Que impactos trouxe o Museu do Arroz para a Herdade da Comporta?**
- 11. Os habitantes da Herdade da Comporta visitam o Museu?**
- 12. Que reações tiveram os habitantes quando visitaram o Museu?**

---

**Muito obrigado pela sua participação.**

## **Anexo B - Entrevista a Jorge Casaleiro**

### **Entrevista a Jorge Casaleiro**

(Diretor de Gestão de Património da Herdade da Comporta)

Hora: 16 de maio de 2017

Data: 13h50

Duração: 28m43s

Local: Escritórios da Herdade da Comporta

Esta entrevista é realizada no âmbito da elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura no ISCTE-IUL.

Cujo o tema é relacionado com a Herdade da Comporta gostaria de lhe colocar umas questões sobre o tema.

Antes de prosseguirmos, quero desde já agradecer sua a disponibilidade para a entrevista.

---

### **Grupo I**

#### ***Perfil do entrevistado (percurso académico e profissional)***

##### **1. Como tem sido o seu percurso académico/profissional?**

R: Frequentei a licenciatura de Economia do Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa. Iniciei o meu percurso profissional na Banca de Investimento e Negócios, no sector do crédito automóvel, e mais tarde, na BP Portugal, onde no Departamento de Combustíveis Líquidos tomei contacto com os sistemas de gestão de organizações. Desenvolvi depois essa vertente na Associação Portuguesa de Certificação (constituída pelo IPQ, AEP, e AIP), onde fui responsável pelos processos de certificação de

empresas nacionais e multinacionais dos sectores de atividade da aeronáutica, automóvel e tecnologias. Posteriormente fui para a Herdade da Comporta, para o sector imobiliário e turístico.

## **2. Há quanto tempo trabalha na Herdade da Comporta?**

R: Trabalho na Herdade da Comporta há mais de 13 anos, tendo desempenhado diferentes cargos ao longo destes anos.

## **3. Que cargos têm desempenhado na Herdade da Comporta?**

R: Trabalhei cinco anos como responsável pelas Praias e Saneamento, e atualmente como Diretor de Gestão de Património.

## **Grupo II**

### ***Museu do Arroz***

## **4. Como surgiu a ideia da criação de um Museu na Comporta?**

R: A criação do Museu do Arroz remonta a 1995, ano do encerramento da fábrica de descasque de arroz na Comporta. Em 2004 o edifício foi alvo de intervenção de obras de reabilitação, e em 2010 iniciaram-se os trabalhos de instalação do Museu.

## **5. Qual era os objetivos e que tipos de dificuldades encontrou o projeto?**

R: O objetivo era perpetuar a memória histórica de uma comunidade e região que teve como principal elemento etnográfico o arroz, e dar a conhecer a todos aqueles que visitam a região, como era a vida numa herdade agrícola do século passado, distante dos grandes centros urbanos.

## **6. Como foi tratada a documentação para o Museu?**

R: Foi recolhida diversa documentação sobre o desenvolvimento agrícola da região, desde documentos dos grupos económicos que foram proprietários da Herdade da Comporta, fotos, jornais da época, etc. Sendo um museu industrial e com um grande foco na maquinaria, ferramentas, e instrumentos ligados à orizicultura, houve necessidade de inventariar detalhadamente as peças que constituem o espólio do Museu. Foram igualmente elaborados

um conjunto de documentos visando a definição de procedimentos para a gestão e conservação das peças do espaço museológico.

**7. Que temas se podem encontrar tratados no Museu do Arroz?**

R: O ciclo de produção do arroz é o principal tema do Museu, interligado com as atividades económicas que na época existiam no território.

**8. Em que data foi inaugurado o Museu do Arroz?**

R: O Museu do Arroz foi inaugurado no dia 30 de junho de 2011.

**9. Qual o número de visitantes do Museu desde da sua abertura?**

R: O Museu recebeu mais de 18.000 visitantes desde a sua abertura, recebendo muitas visitas de escolas e de meios de comunicação.

**Grupo III**

*Herdade da Comporta*

**10. Que impactos trouxe o Museu do Arroz para a Herdade da Comporta?**

R: O Museu do Arroz veio diversificar a oferta turística relativamente ao produto sol e mar, e proporcionou igualmente uma grande exposição junto dos meios de comunicação.

**11. Os habitantes da Herdade da Comporta visitam o Museu?**

R: É frequente vermos habitantes da Herdade da Comporta no Museu do Arroz.

**12. Que reações tiveram os habitantes quando visitaram o Museu?**

R: Os habitantes demonstram um sentimento de orgulho e reconhecimento pelo contributo que deram a esta região.

---

**Muito obrigado pela sua participação.**